

***DECOMTEC***

**Departamento de Competitividade e Tecnologia**

**ÍNDICE FIESP DE COMPETITIVIDADE DAS NAÇÕES  
E O EFEITO DO AMBIENTE COMPETITIVO NA  
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA  
IC-FIESP 2013**

***José Ricardo Roriz Coelho***

**Novembro de 2013**



**I. INTRODUÇÃO**

**II. RANKING IC-FIESP**

**III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA  
COMPETITIVIDADE**

**IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO  
BRASILEIRO**

**V. O EFEITO DO AMBIENTE COMPETITIVO  
NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO  
BRASILEIRA**

# I. INTRODUÇÃO

---



## CONCEITO

Competitividade é a capacidade de um país de criar condições para que as empresas e organizações nele instaladas produzam o maior bem-estar possível para seus cidadãos e para que o façam crescer ao longo do tempo em relação ao dos cidadãos de outros países.

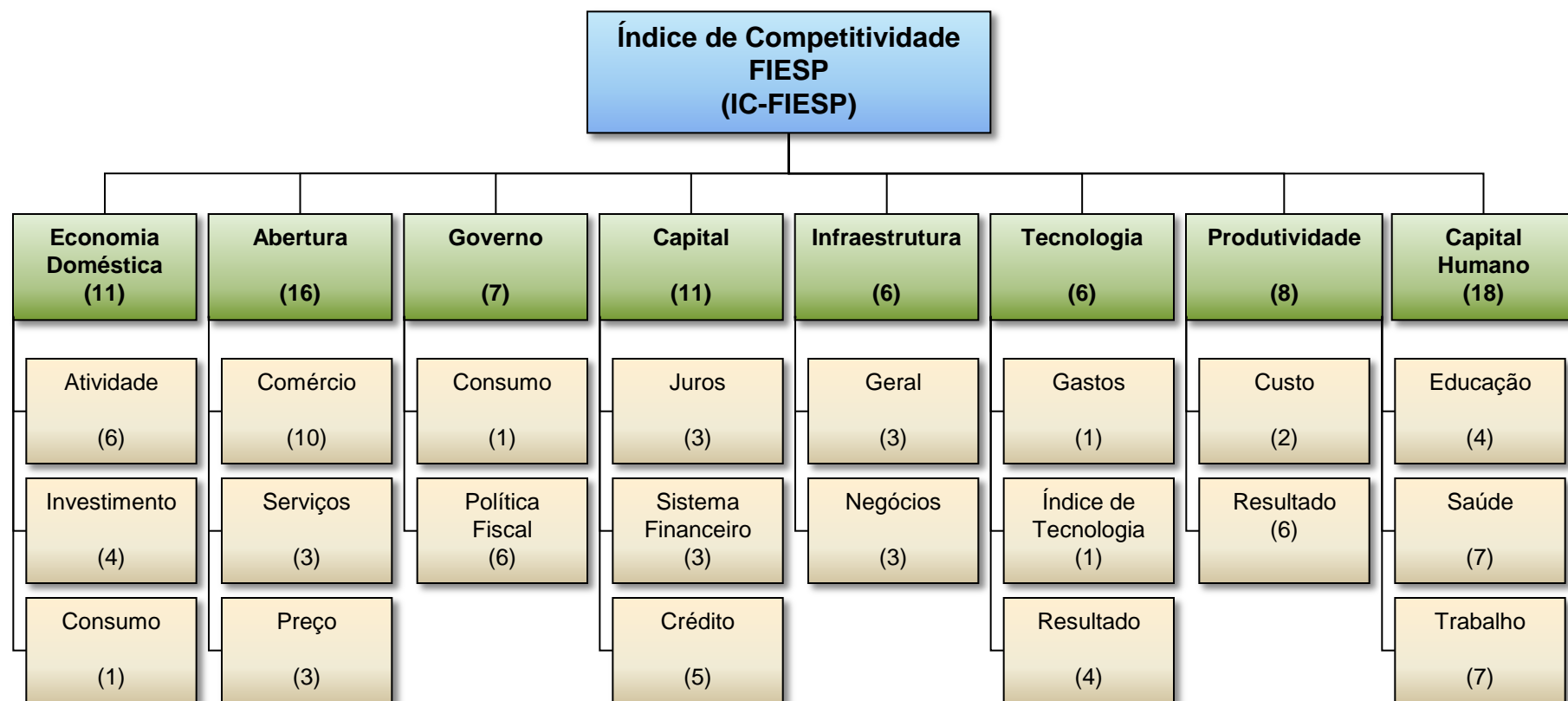
## OBJETIVOS E ANÁLISES REALIZADAS

Identificar os principais avanços e restrições ao crescimento da competitividade brasileira;

Analisar experiências bem sucedidas de outros países de forma a orientar a elaboração de propostas de políticas de médio e longo prazo.

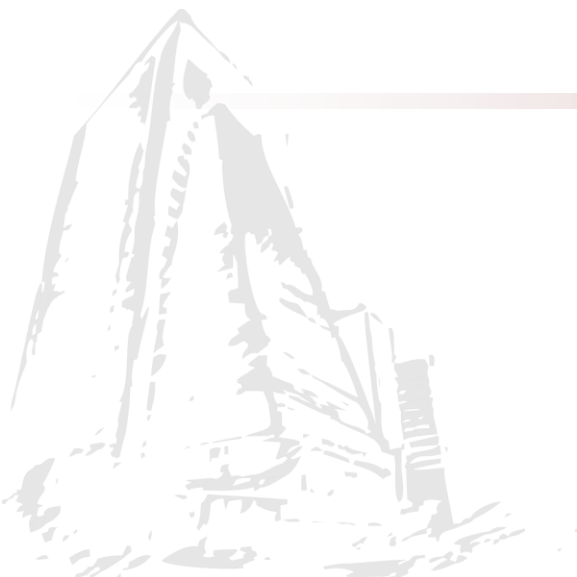
Organizou-se um banco com mais de **40 mil** informações agrupado em oito fatores determinantes para a competitividade.

## ESTRUTURA DO BANCO DE DADOS



## II. RANKING IC-FIESP

---



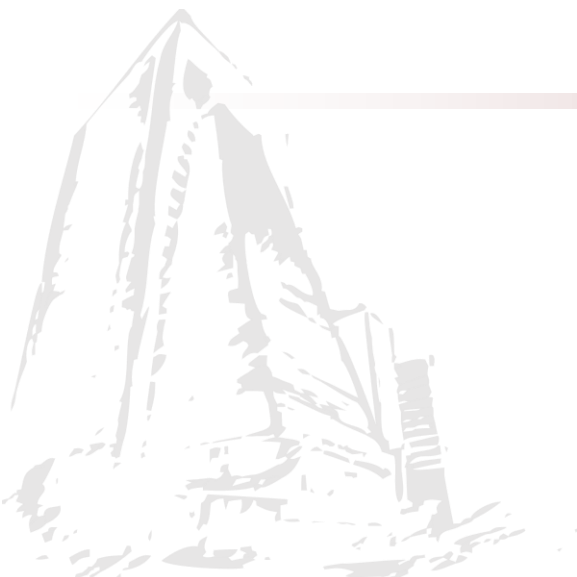
# RANKING IC-FIESP 2012

GRUPO	PAÍS	NOTA	RK
Q1 ELEVADA	Estados Unidos	90,7	1
	Suíça	76,3	2
	Coréia do Sul	74,9	3
	Cingapura	71,5	4
	Holanda	71,3	5
	Hong Kong	69,6	6
	Dinamarca	69,1	7
	Japão	68,9	8
	Noruega	68,9	9
	Irlanda	68,7	10
	Suécia	68,1	11
Q2 SATISFA- TÓRIA	Alemanha	66,2	12
	Israel	64,1	13
	Canadá	62,3	14
	Finlândia	60,8	15
	Nova Zelândia	60,2	16
	Áustria	59,9	17
	Austrália	58,2	18
	Bélgica	57,1	19
	França	55,5	20
	China	55,4	21
	Reino Unido	54,2	22

GRUPO	PAÍS	NOTA	RK
Q3 MÉDIA	Rússia	53,7	23
	Espanha	50,2	24
	República Checa	47,1	25
	Itália	46,4	26
	Malásia	45,2	27
	Hungria	44,8	28
	Portugal	40,3	29
	Polônia	40,0	30
	Grécia	39,5	31
	Chile	39,3	32
	Argentina	35,2	33
Q4 BAIXA	México	29,2	34
	Tailândia	28,6	35
	Filipinas	26,4	36
	Brasil	24,1	37
	África do Sul	23,9	38
	Venezuela	22,7	39
	Colômbia	18,9	40
	Indonésia	17,4	41
	Turquia	17,1	42
	Índia	8,2	43

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DE COMPETITIVIDADE

---

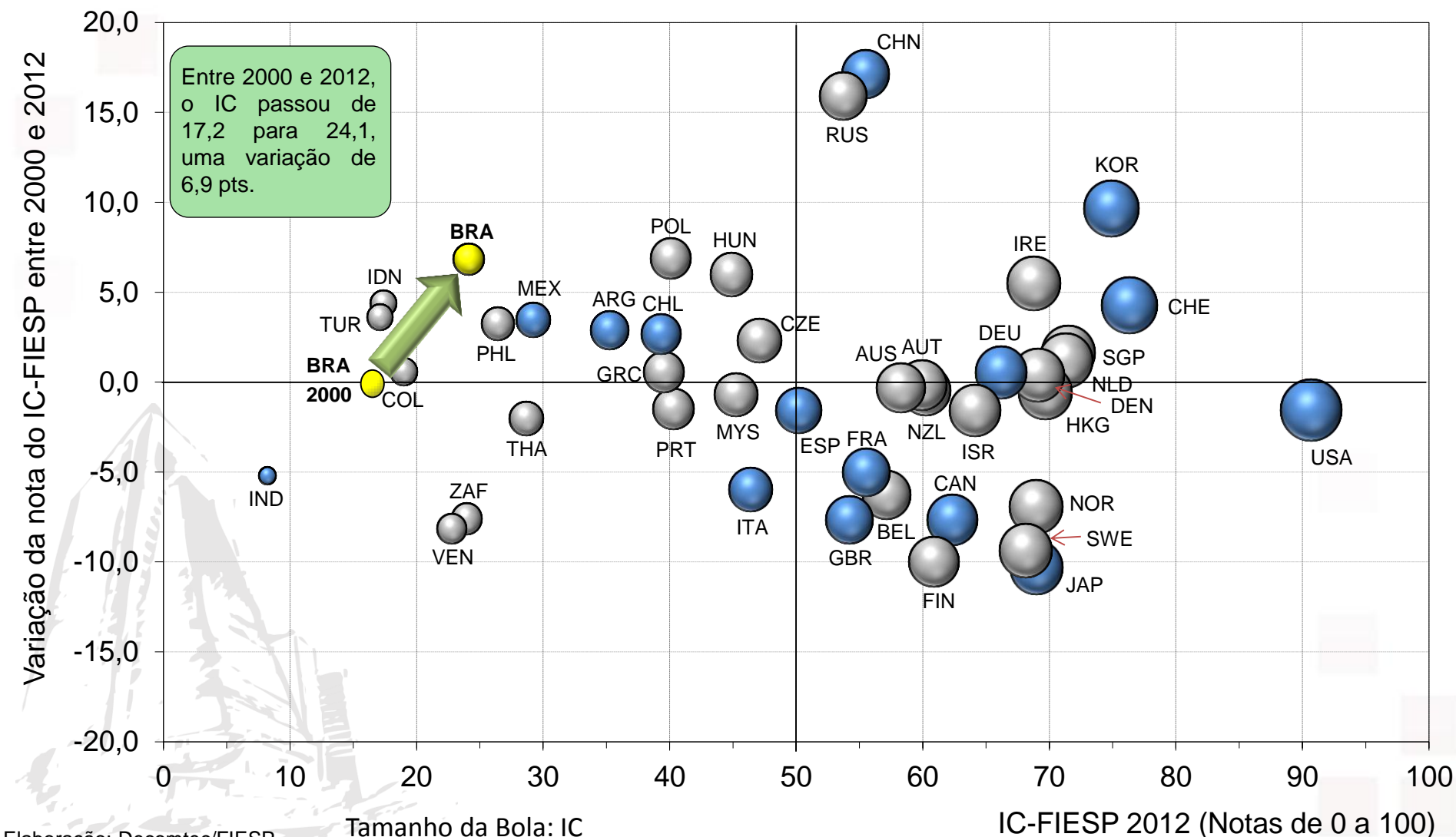




O Brasil destaca-se entre os países de crescente competitividade. Aumentou em quase sete pontos o seu IC entre 2000 e 2012. Contudo, permanece entre os sete países menos competitivos dos 43 analisados.

## IC-FIESP 2012 x Crescimento do IC-FIESP entre 2000 e 2012

● IC-FIESP 2012  
● Países Parceiros



**A análise da evolução brasileira será realizada comparativamente com o grupo dos países responsáveis por 76% da pauta de importação brasileira de bens industrializados. São os países que concorrem conosco no mercado doméstico.**

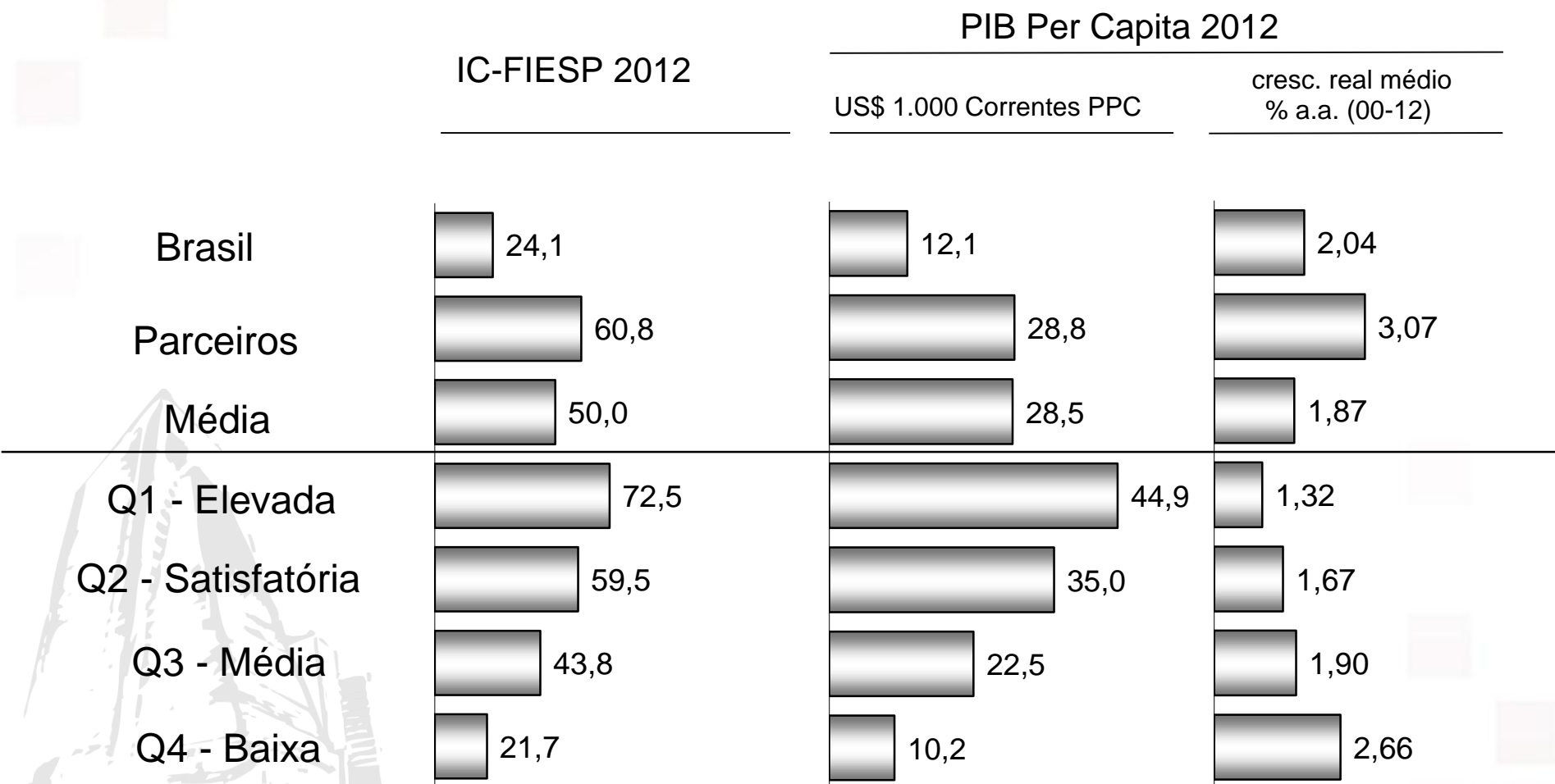
## **Países Parceiros**

**(compõem 76% da pauta de importação brasileira de bens industrializados\*)**

<b>China</b>	<b>17,3%</b>	<b>França</b>	<b>3,0%</b>
<b>Estados Unidos</b>	<b>15,8%</b>	<b>Índia</b>	<b>2,5%</b>
<b>Alemanha</b>	<b>7,3%</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>1,8%</b>
<b>Argentina</b>	<b>7,1%</b>	<b>Espanha</b>	<b>1,7%</b>
<b>Coréia do Sul</b>	<b>4,7%</b>	<b>Chile</b>	<b>1,6%</b>
<b>Japão</b>	<b>4,0%</b>	<b>Suiça</b>	<b>1,4%</b>
<b>Itália</b>	<b>3,2%</b>	<b>Canadá</b>	<b>1,3%</b>
<b>México</b>	<b>3,1%</b>		
		<b>Total</b>	<b>75,8%</b>

**A relação entre o IC-FIESP e o PIB per capita é clara: os 43 países estudados têm um IC médio que é mais que o dobro do índice brasileiro, e também um PIB per capita que é mais de duas vezes o nosso. Crescemos um pouco mais do que a média...**

## COMPETITIVIDADE E PIB PER CAPITA - 2012

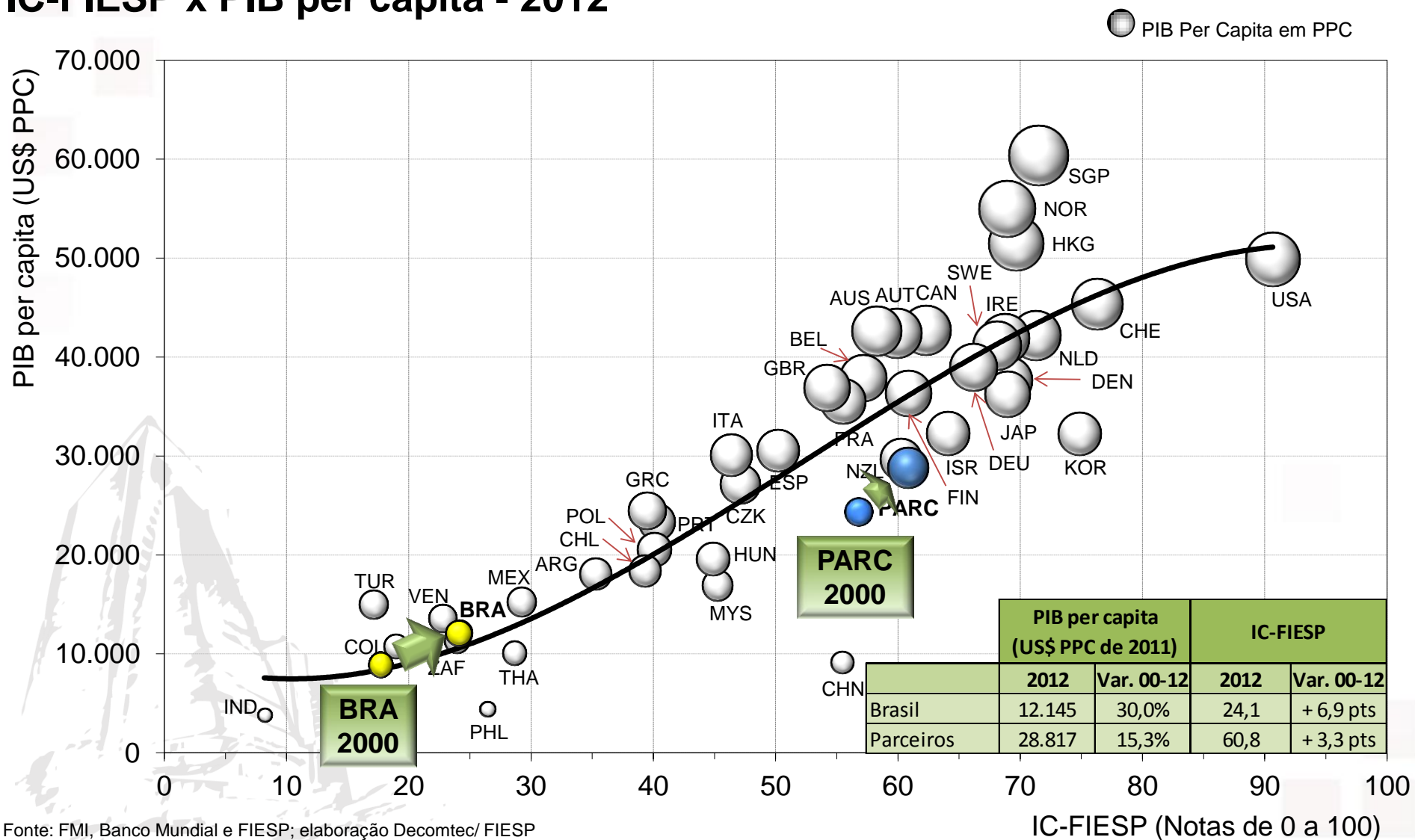


\* Paridade de Poder de Compra - PPC - é a taxa de câmbio calculada a partir dos valores de uma mesma cesta de bens e serviços.

Fonte: FMI, IBGE, Banco Mundial e FIESP; elaboração DECOMTEC/FIESP.

... mas ainda mantemos uma grande distância em relação aos países Parceiros, tanto em PIB per capita quanto em competitividade.

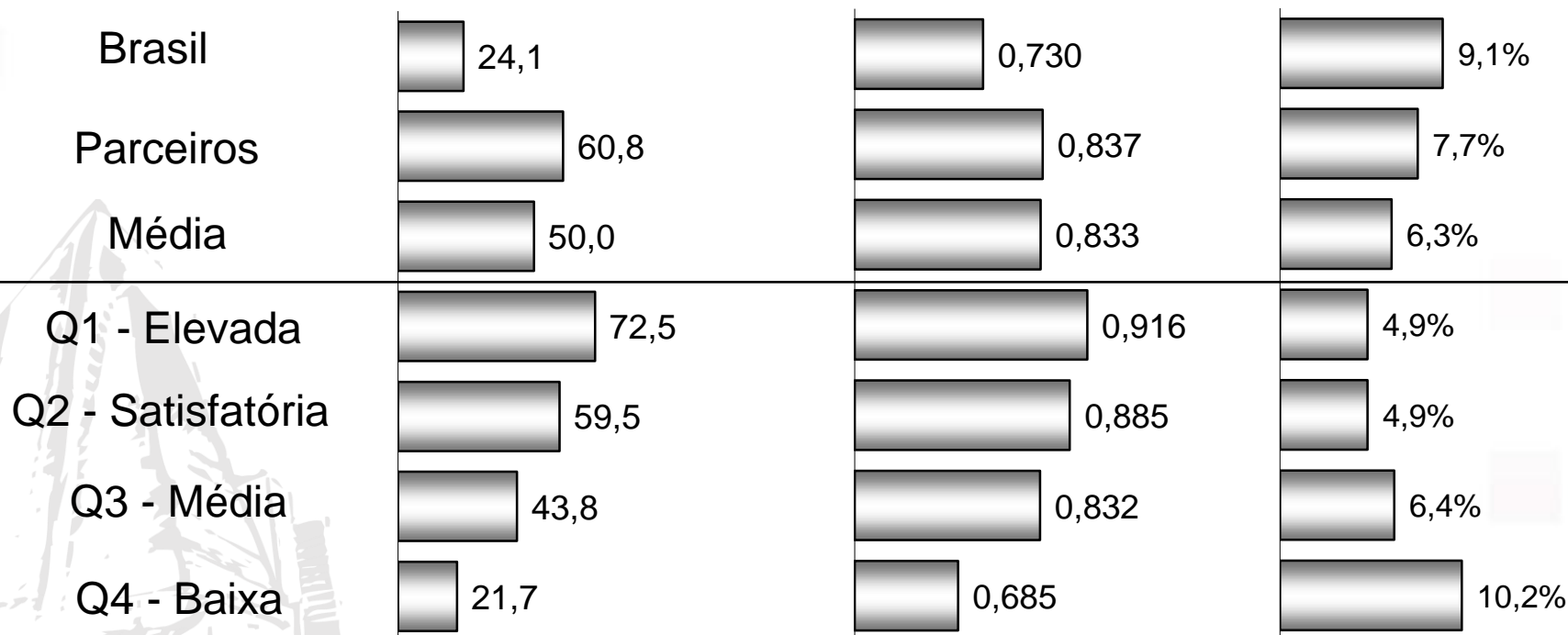
## IC-FIESP x PIB per capita - 2012



**Crescemos 9,1% em IDH, mais do que a média dos 43 países (6,3%) e dos Parceiros (7,7%). Contudo, avançamos menos do que a média do nosso quadrante Q4 (10,2%).**

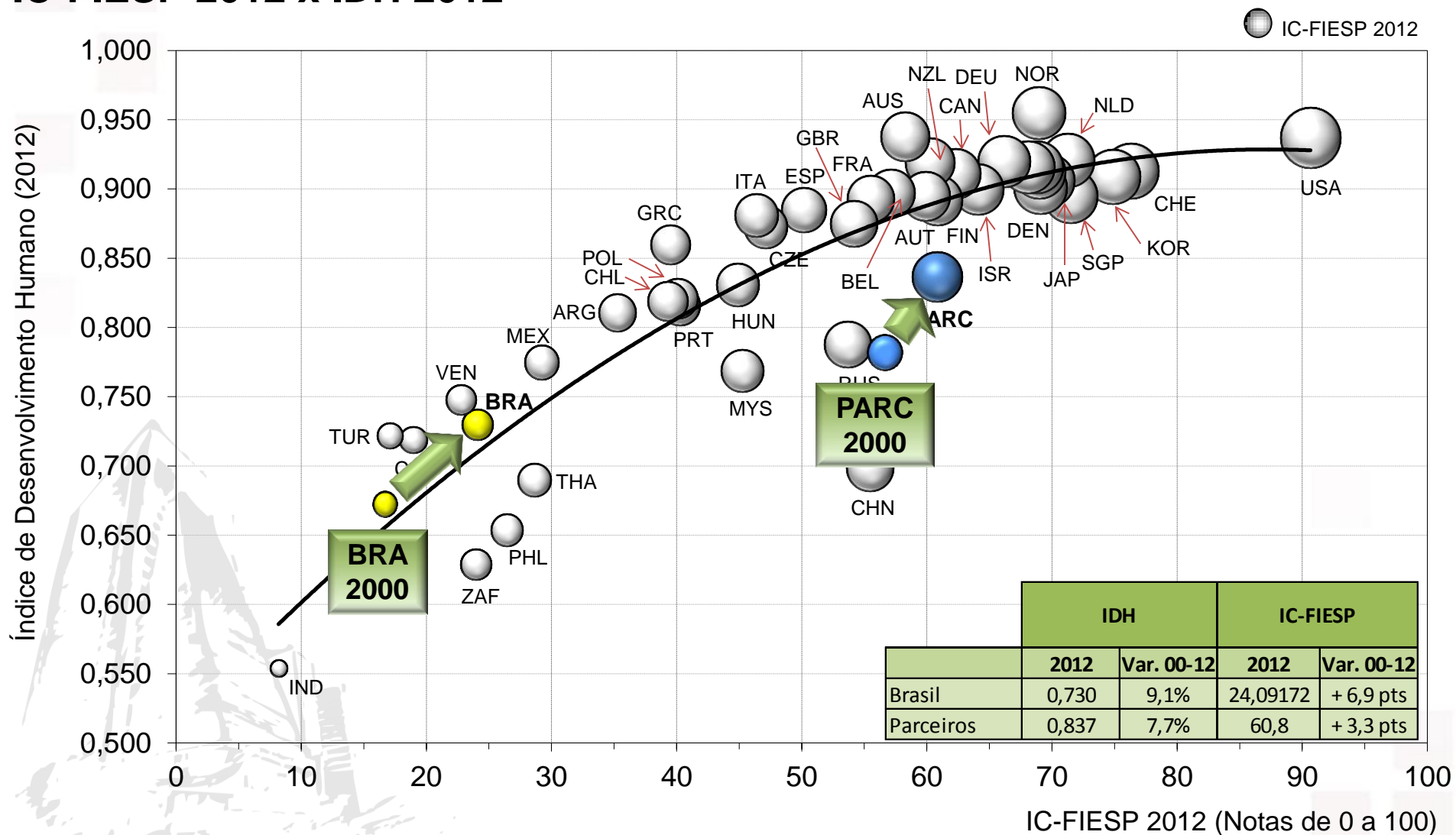
## COMPETITIVIDADE (2012) E IDH (2012)

IC-FIESP 2012	IDH 2012	
	de 0,000 a 1,000	Variação % 2000-2012



**A despeito do Brasil ter demonstrado capacidade de transformar competitividade em desenvolvimento humano, nosso IDH ainda é menor do que a média dos países Parceiros.**

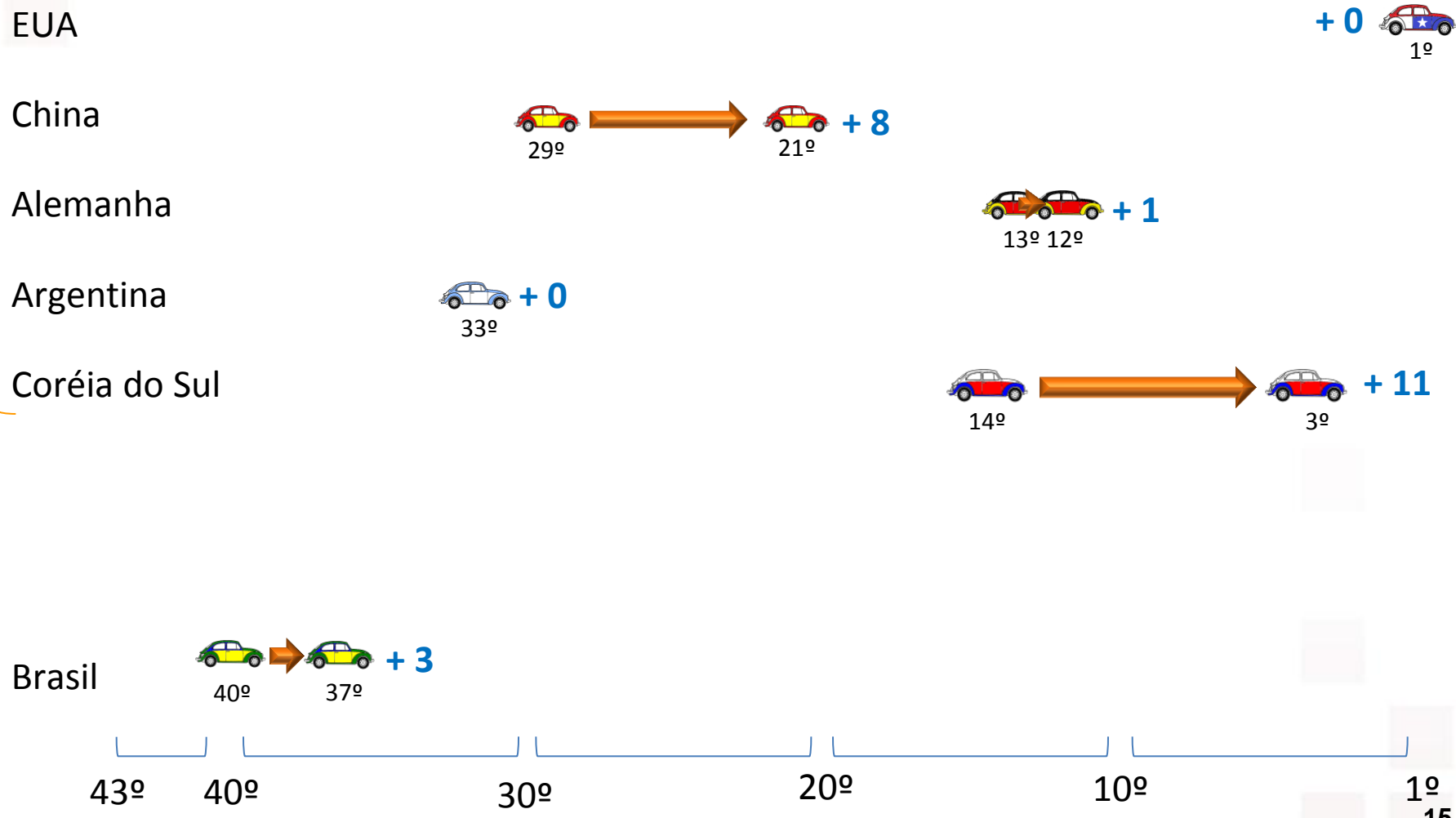
## IC-FIESP 2012 x IDH 2012



No grupo dos 5 maiores Parceiros, que respondem por 50% da pauta de importação brasileira de industrializados, aparecem com destaque a China e a Coréia do Sul, com crescimento de 8 e 11 colocações no ranking, respectivamente, entre 2000 e 2012. O Brasil subiu 3 posições.

## BRASIL VERSUS 5 MAIORES PARCEIROS NO RANKING DE LONGO-PRAZO (2000 A 2012)

50% da pauta de importação  
brasileira de manufaturados\*





**Aumento no investimento, na produção de patentes, na produtividade da indústria e na taxa de poupança foram observados nos países que mais ganharam competitividade entre 2000 e 2012.**

## **QUEM MAIS GANHOU E QUEM MAIS PERDEU POSIÇÕES ? (ENTRE 2000 e 2012)**

### **GANHARAM COMPETITIVIDADE:**

1º Coréia do Sul	+ 11
2º China	+ 8
3º Rússia	+ 7

Investimento (FBCF) ↑  
Patentes (residentes) ↑  
Produtividade da Indústria ↑  
Poupança ↑

### **PERDERAM COMPETITIVIDADE:**

1º Finlândia	- 9
2º Suécia	- 8
3º Japão	- 6

Saldo Comercial de Manufaturados ↓  
Patentes (residentes) ↓  
Invest. Direto Estrangeiro Líquido. ↓  
Poupança ↓



# Coréia do Sul, China e Rússia são exemplos de países que mais ganharam competitividade no longo prazo...

## PAÍSES QUE GANHARAM COMPETITIVIDADE : 2000 a 2012

País	Principais Fatores de Ganho de Competitividade
<b>Coréia do Sul</b> (3º no IC)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Produtividade da Indústria</li><li>• Número de Patentes (Residentes)</li><li>• Gasto em P&amp;D</li><li>• Gasto em Educação</li><li>• Gasto em Saúde do Setor Público</li></ul>
<b>China</b> (21º no IC)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Investimento (FBCF)</li><li>• Número de Patentes (Residentes)</li><li>• Gasto em P&amp;D</li><li>• Poupança</li><li>• Exportações de Alta Tecnologia</li></ul>
<b>Rússia</b> (23º no IC)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Investimento (FBCF)</li><li>• Acumulo de Reservas</li><li>• Diminuição da Inflação</li><li>• Redução nos <i>Spreads</i></li></ul>

**... enquanto Finlândia, Suécia e Japão são exemplos de países que mais perderam competitividade no longo prazo.**

## **PAÍSES QUE PERDERAM COMPETITIVIDADE : 2000 a 2012**

<b>País</b>	<b>Principais Fatores de Perda de Competitividade</b>
-------------	---

**Finlândia**  
(15º no IC)

- Taxa de poupança
- Balança de Transações Correntes
- Investimento direto externo líquido
- Saldo comercial de manufaturados
- Patentes (residentes)

**Suécia**  
(11º no IC)

- Saldo comercial de manufaturados
- Patentes (residentes)
- Gasto em P&D
- Investimento direto externo líquido
- Taxas de juros

**Japão**  
(8º no IC)

- Patentes (residentes)
- Alíquota do Imposto sobre Lucro de Pess. Jurídica
- Investimento (Formação Bruta de Capital Fixo)
- Exportações de alta tecnologia

Os países que avançaram no IC melhoraram o saldo comercial de manufaturados, a produtividade da indústria, as exportações de alta tecnologia e apresentaram menores taxas de juros e spread. Enquanto os países que retrocederam no IC apresentaram piora no saldo comercial, no saldo de transações correntes, na taxa de poupança e no IED líquido.

## QUEM MAIS GANHOU E QUEM MAIS PERDEU POSIÇÕES? (ENTRE 2011 e 2012)

### GANHARAM COMPETITIVIDADE:

1º Filipinas + 3  
Suiça

2º Polônia + 2

Saldo Comercial de Manufaturados ↑

Juros e Spread ↓

Exportações de Alta Tecnologia ↑

Produtividade da Indústria ↑

### PERDERAM COMPETITIVIDADE:

1º Argentina - 4

2º Venezuela - 2

3º África do Sul - 2

Saldo Comercial de Bens e Serviços ↓

Saldo em Transações Correntes ↓

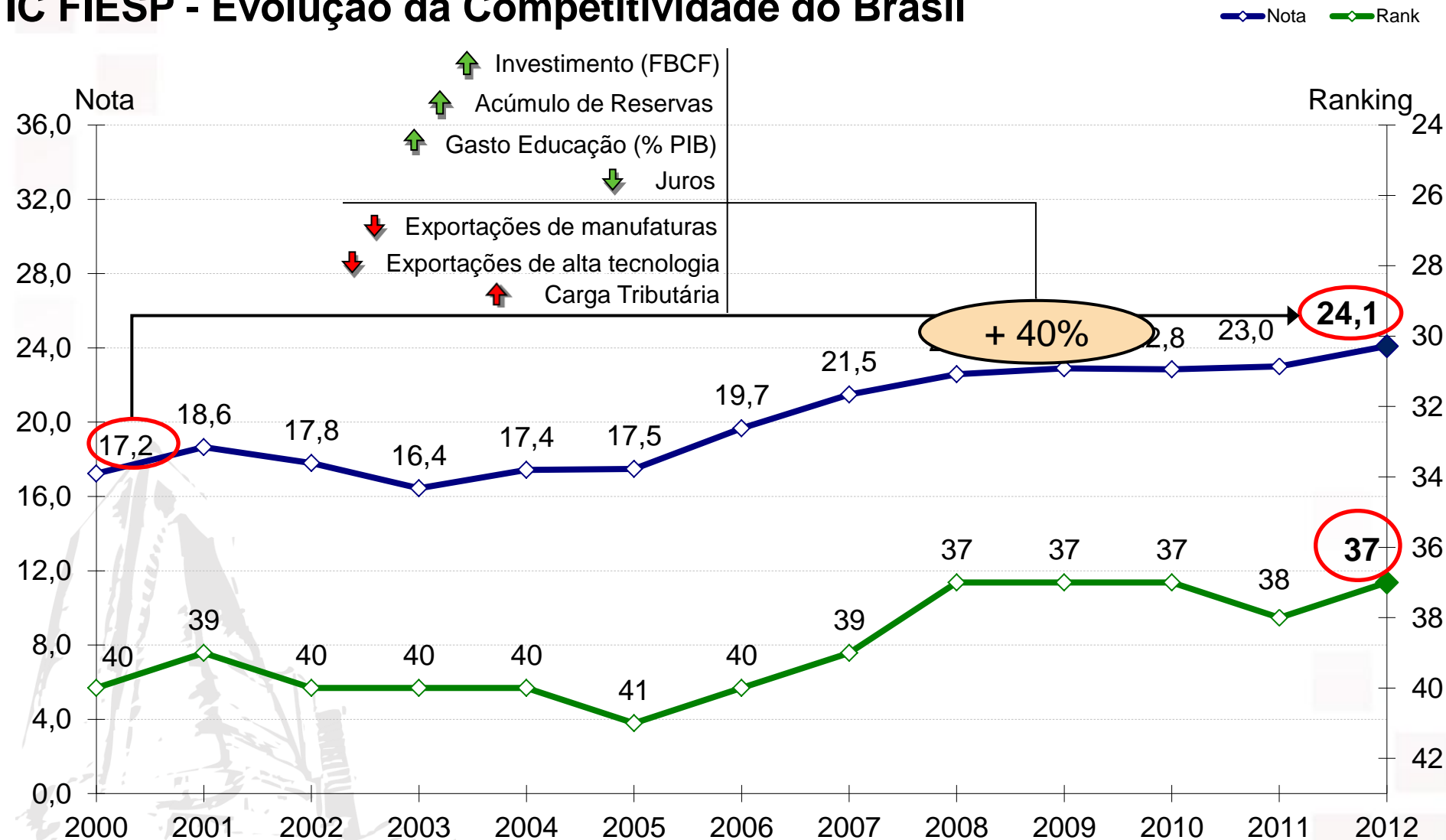
Poupança ↓

Investim. Direto Estrangeiro Líquido ↓

Crescimento da Produtividade ↓

Em 2012, o Brasil aumentou a sua nota em 1,1 pontos, e passou da 38ª para a 37ª colocação no ranking. Entre 2000 e 2012, avançou 3 posições. Poderia ter evoluído mais, se não tivesse reduzido as exportações de manufaturas e de alta tecnologia, e aumentado a carga tributária.

## IC FIESP - Evolução da Competitividade do Brasil



Entre 2011 e 2012, o Brasil aumentou sua nota em 1,1 pontos, e subiu uma posição, de 38º para 37º colocado, porque reduziu os juros e o desemprego dos jovens, e aumentou sua produtividade total. Porém, poderia ter evoluído ainda mais, se não tivesse investido pouco, aumentado os déficits comerciais, reduzido a produtividade da indústria e mantido elevada carga tributária.

Entre 2011 e 2012, o Brasil aumentou sua nota em 1,1 pontos, e subiu uma posição, de 38º para 37º colocado, porque, principalmente:

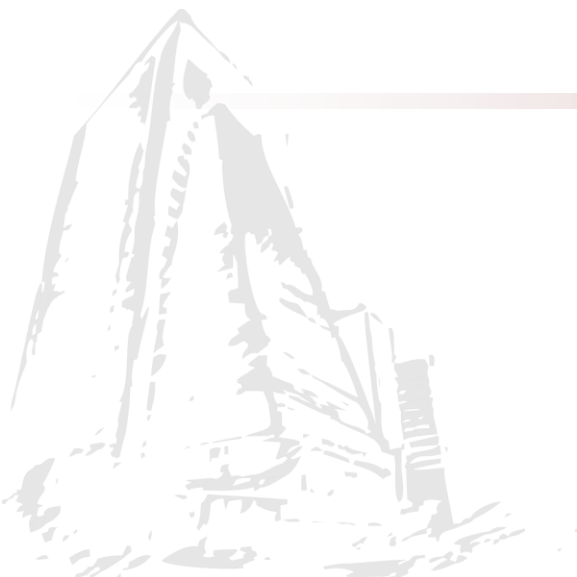
	2011	2012
↓ Juros para empréstimos	38,9% a.a	32,45% a.a.
↓ Taxa básica (Selic)	11,67% a.a.	8,53% a.a.
↓ Spread bancário	27,38% a.a.	24,23% a.a.
↑ Crescimento da Produtividade	1,67%	2,26%
↓ Desemprego da Pop. Jovem	15%	13,48%

Poderia ter avançado ainda mais, se não tivesse, entre outros fatores:

	2011	2012
↓ Investimento (FBCF)	19,27% PIB	18,14% PIB
↑ Déficit Comercial (Bens e Serv.) % PIB	-0,73% PIB	-1,43% PIB
↑ Déficit Comercial Manufaturados	-3,34% PIB	-3,38% PIB
↑ Déficit Com. Serviços Tecnológicos	-0,55% PIB	-0,68% PIB
↓ Produtividade da Indústria (US\$ PPC 2005)	US\$ 28.115	US\$ 27.860
<b>Elevada Carga Tributária</b>	35,3% PIB	ainda não divulgada*

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

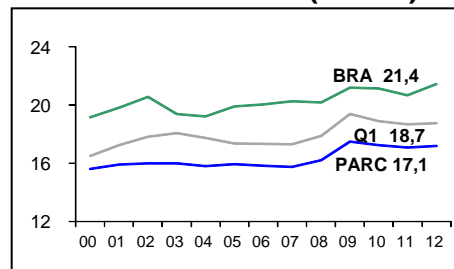
---



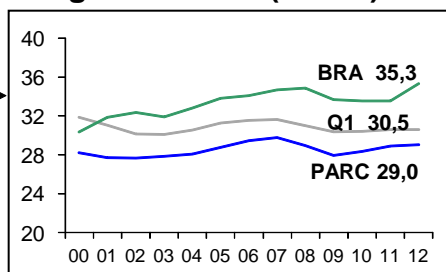
# O elevado consumo do governo brasileiro demanda uma carga tributária elevada para se sustentar.

## AMBIENTE DE NEGÓCIOS

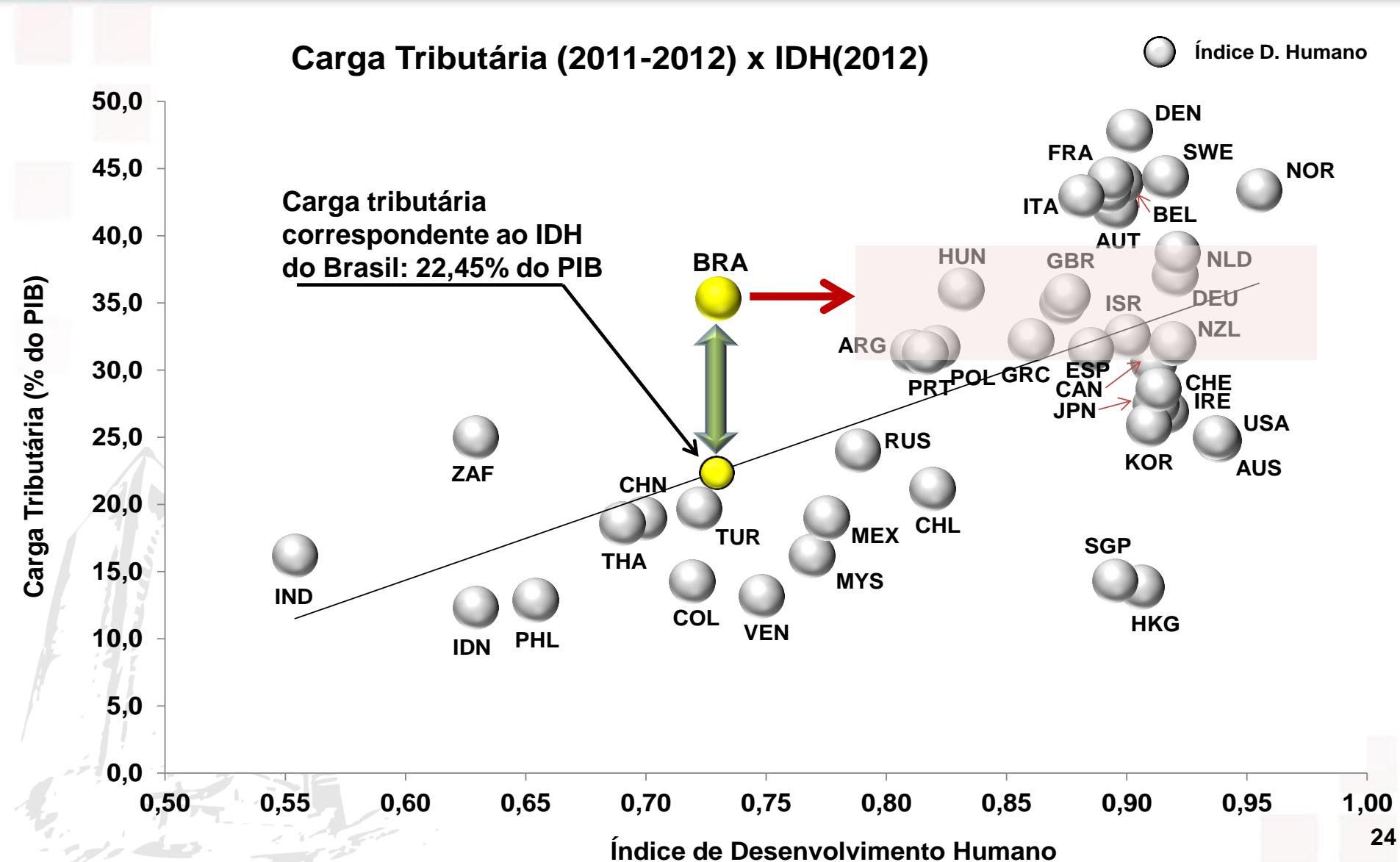
Cons. do Governo (% PIB)



Carga Tributária (% PIB)



Em relação aos retornos sociais, ao nosso nível de IDH corresponderia uma carga tributária de 22,45% do PIB. Por outro lado, nossa carga atual, corresponderia a um IDH semelhante ao da Hungria, de Israel, do Reino Unido e da Nova Zelândia.

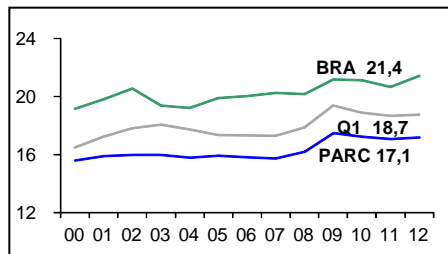




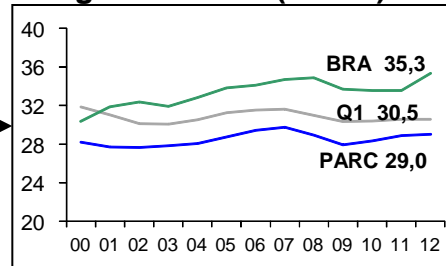
Além da alta carga tributária, são necessários juros elevados para o financiamento do consumo do governo brasileiro, e controle da inflação. Adicionalmente, temos o spread mais elevado do mundo.

## AMBIENTE DE NEGÓCIOS

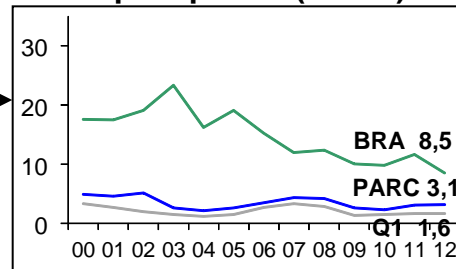
**Cons. do Governo (% PIB)**



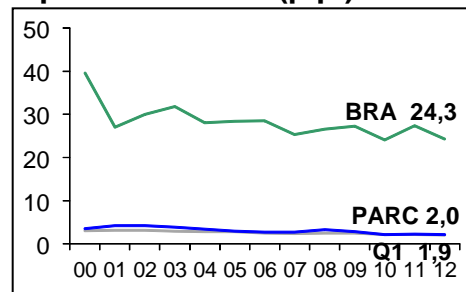
**Carga Tributária (% PIB)**



**Juros p/ depósito (% a.a.)**

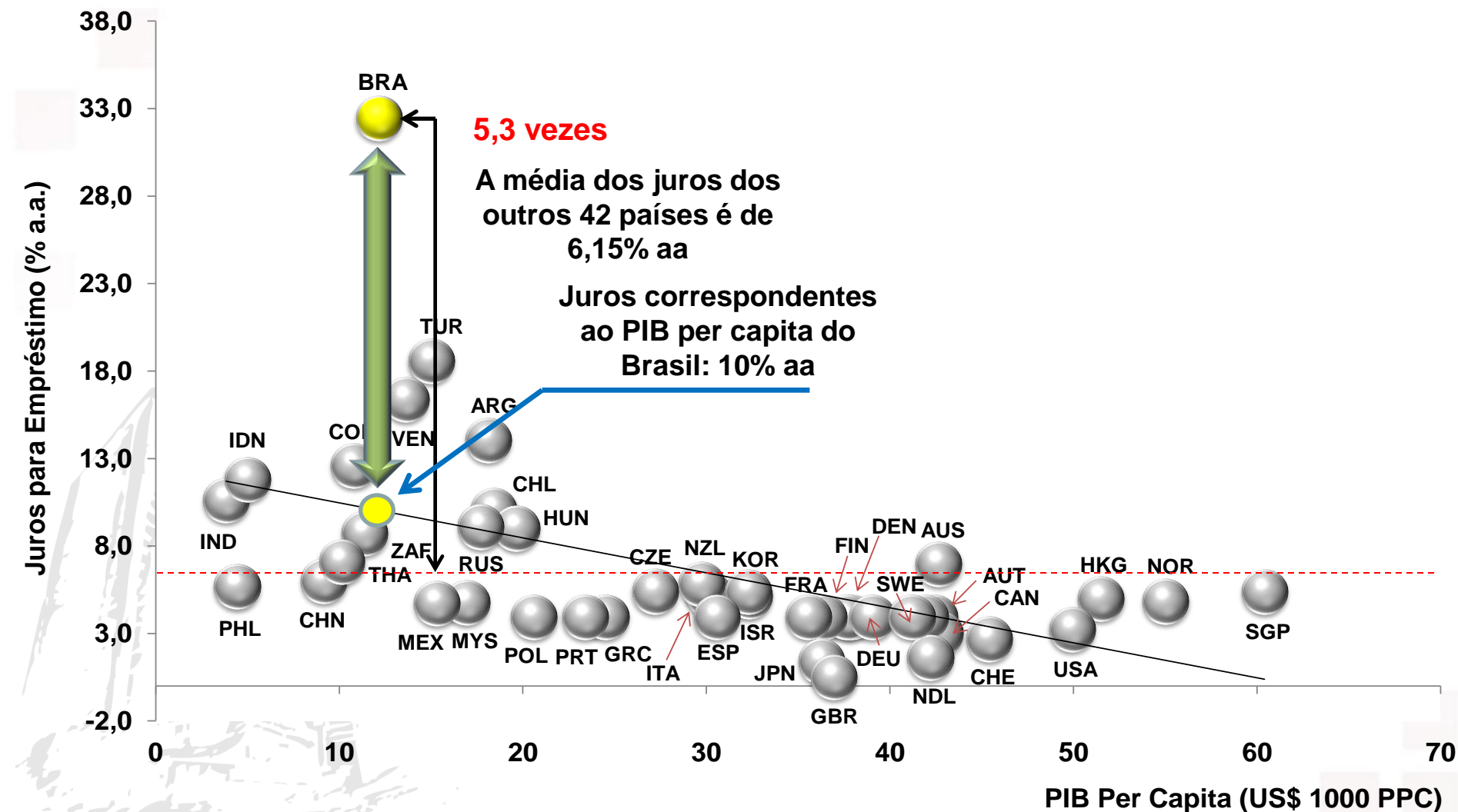


**Spread bancário (p.p.)**

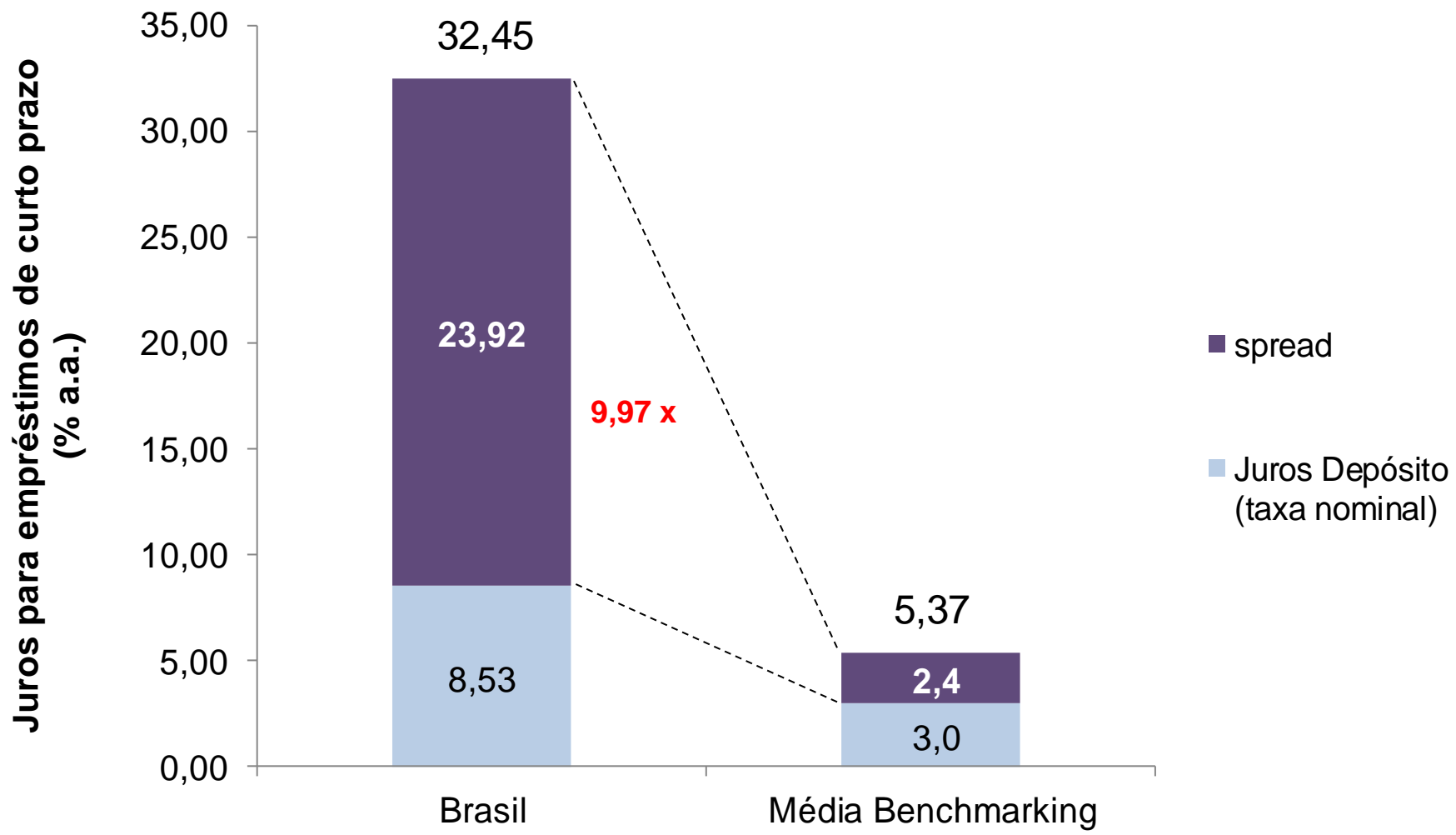


O custo do capital de giro das empresas é elevado devido aos juros e ao spread. Os juros (para empréstimo) correspondentes ao nível de renda per capita do Brasil seriam de 10% a.a.

## Juros para empréstimo x PIB per capita - 2012



No ano de 2012, o spread brasileiro era quase 10 vezes maior do que a média dos países comparáveis (Chile, Itália, Japão, Malásia e Noruega)



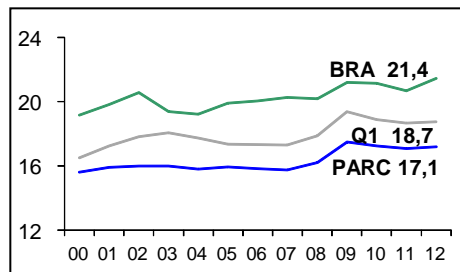
Fontes: Banco Central do Brasil, FMI, EuroStat, e Banco Central da Noruega

Países comparáveis ao spread brasileiro: Chile, Itália, Japão, Malásia, Noruega

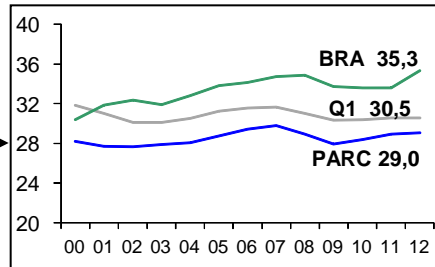
# Elevadas taxas de juros e spread limitam o crédito. Isso, combinado com a alta e crescente carga tributária, desestimula o investimento (FBCF).

## AMBIENTE DE NEGÓCIOS

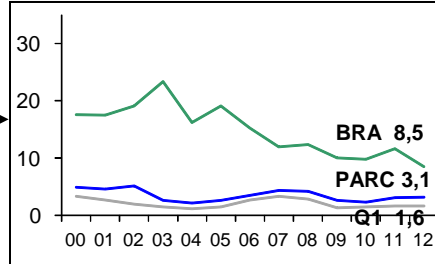
Cons. do Governo (% PIB)



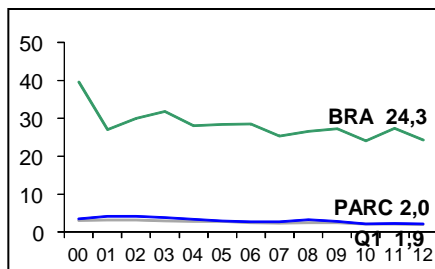
Carga Tributária (% PIB)



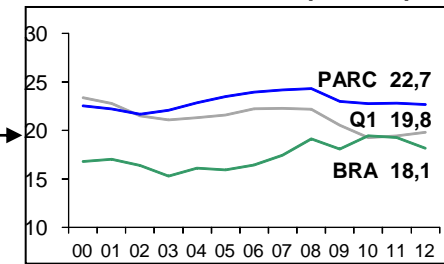
Juros p/ depósito (% a.a.)



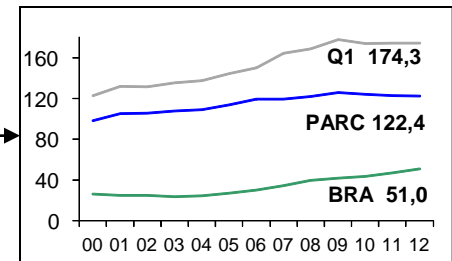
Spread bancário (p.p.)



Investimento fixo (% PIB)



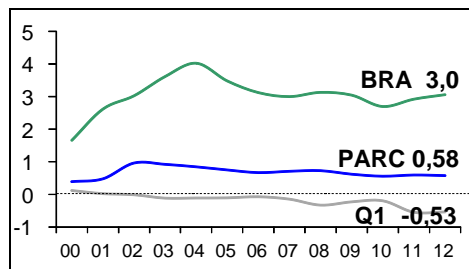
Crédito ao setor priv. (% PIB)



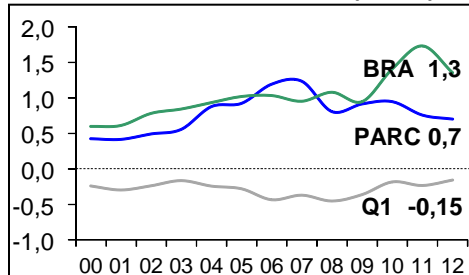
**O Brasil não mostra um desempenho competitivo em seus resultados comerciais, principalmente por causa do déficit em manufatura, explicado, em grande parte, pelo custo Brasil e pelo comportamento do câmbio.**

## COMÉRCIO INTERNACIONAL

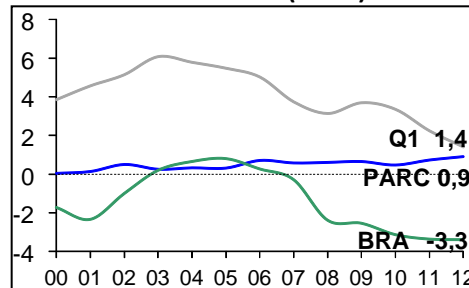
**Saldo em alimentos e matérias-primas (% PIB)**



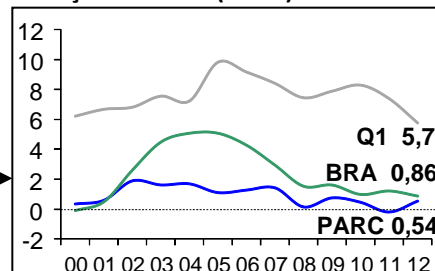
**Saldo em minerais e metais (% PIB)**



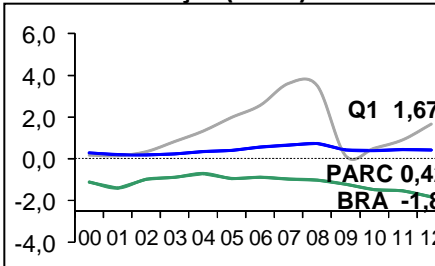
**Saldo em manufaturas (% PIB)**



**Balança comercial (% PIB)**



**Saldo em serviços (% PIB)**

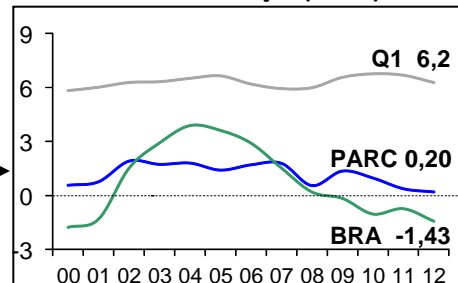


O déficit em manufaturas é maior que o superávit em alimentos e matérias-primas

O déficit em serviços é maior que o superávit em minerais e metais

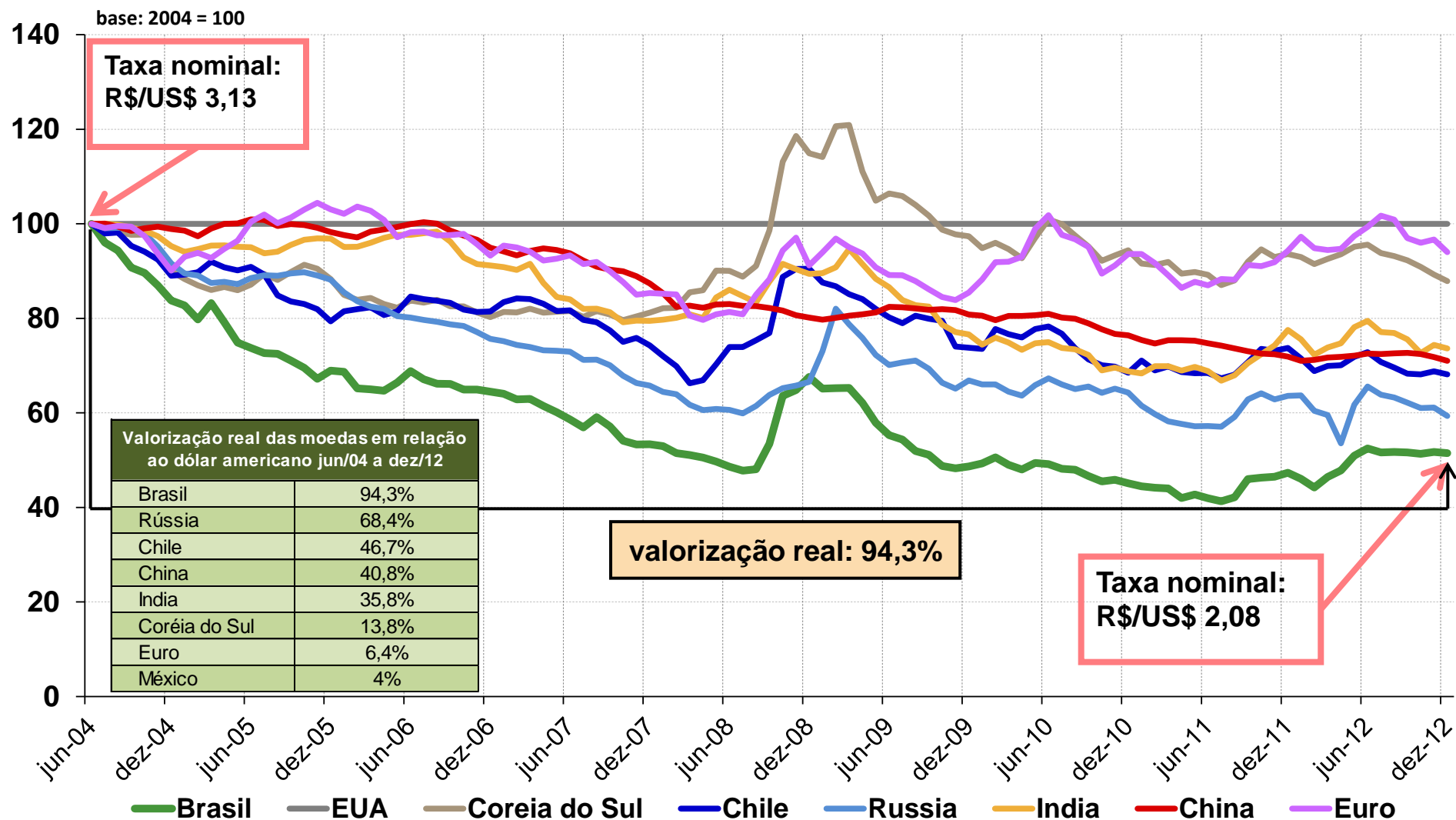
Portanto, ocorre déficit na balança comercial de bens e serviços

**Saldo em bens e serviços (% PIB)**



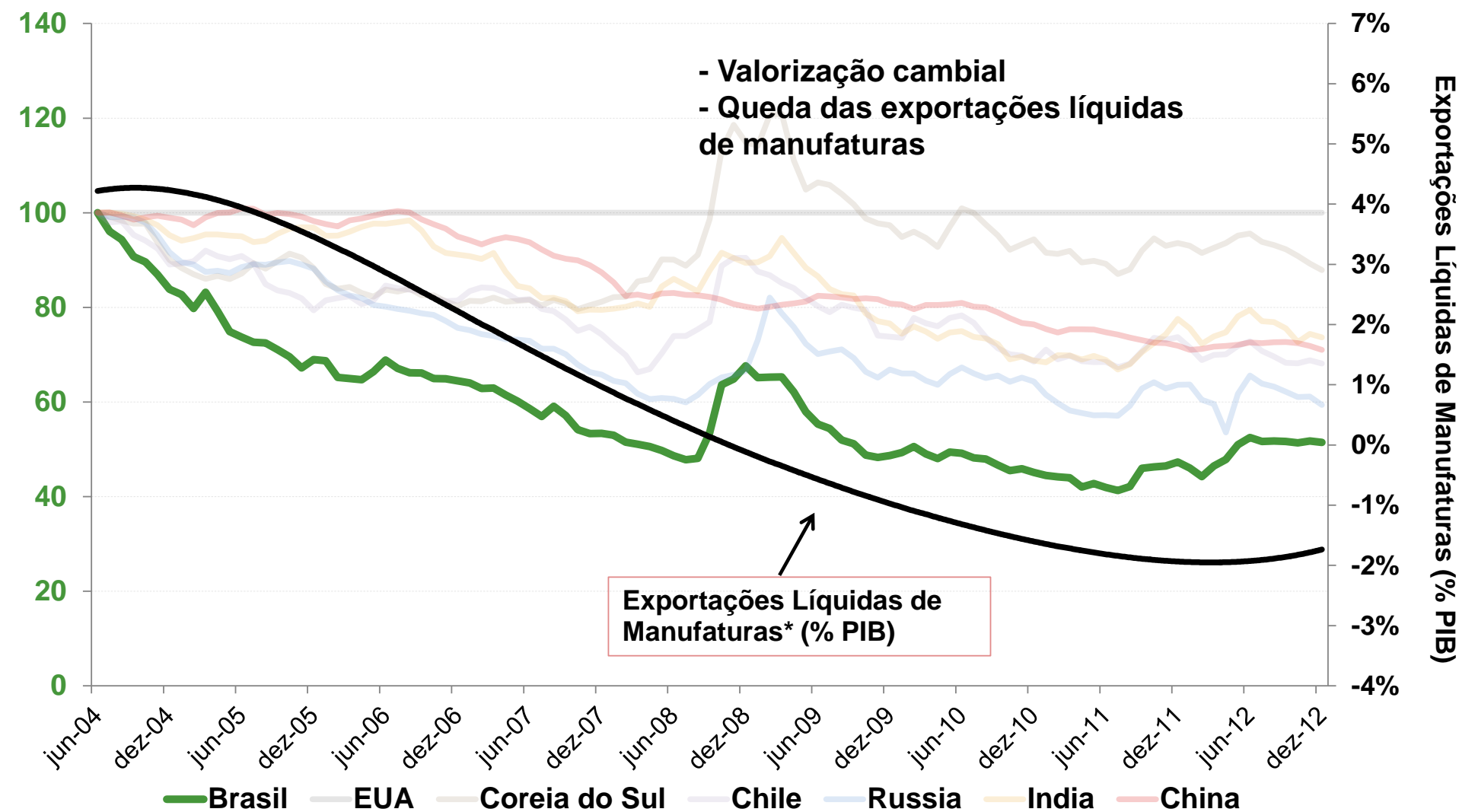
# A valorização da taxa real de câmbio brasileira diante da moeda de outros países...

## Câmbio Real - Evolução em relação ao Dólar Americano - jun/2004 a dez/2012



# ... veio acompanhada de queda no saldo comercial brasileiro em manufaturas.

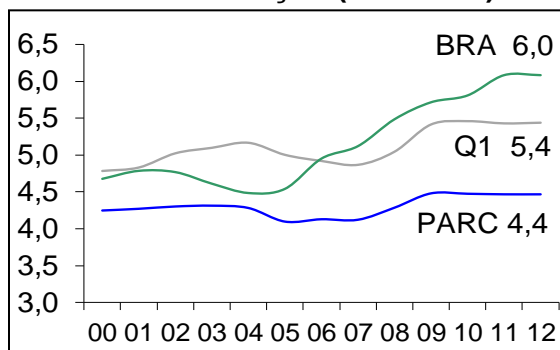
## Câmbio Real - Evolução em relação ao Dólar Americano - jun/2004 a dez/2012



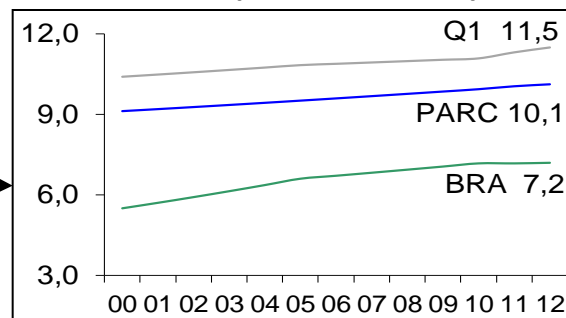
# O aumento recente dos investimentos em educação reflete-se lentamente em melhores níveis de alfabetização e escolaridade.

## AMBIENTE EDUCACIONAL

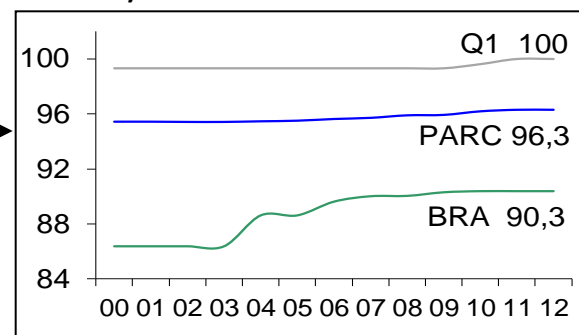
**Gasto em Educação (% do PIB)**



**Escolaridade (média de anos)**



**Alfabetização (% da população acima de 15 anos)**



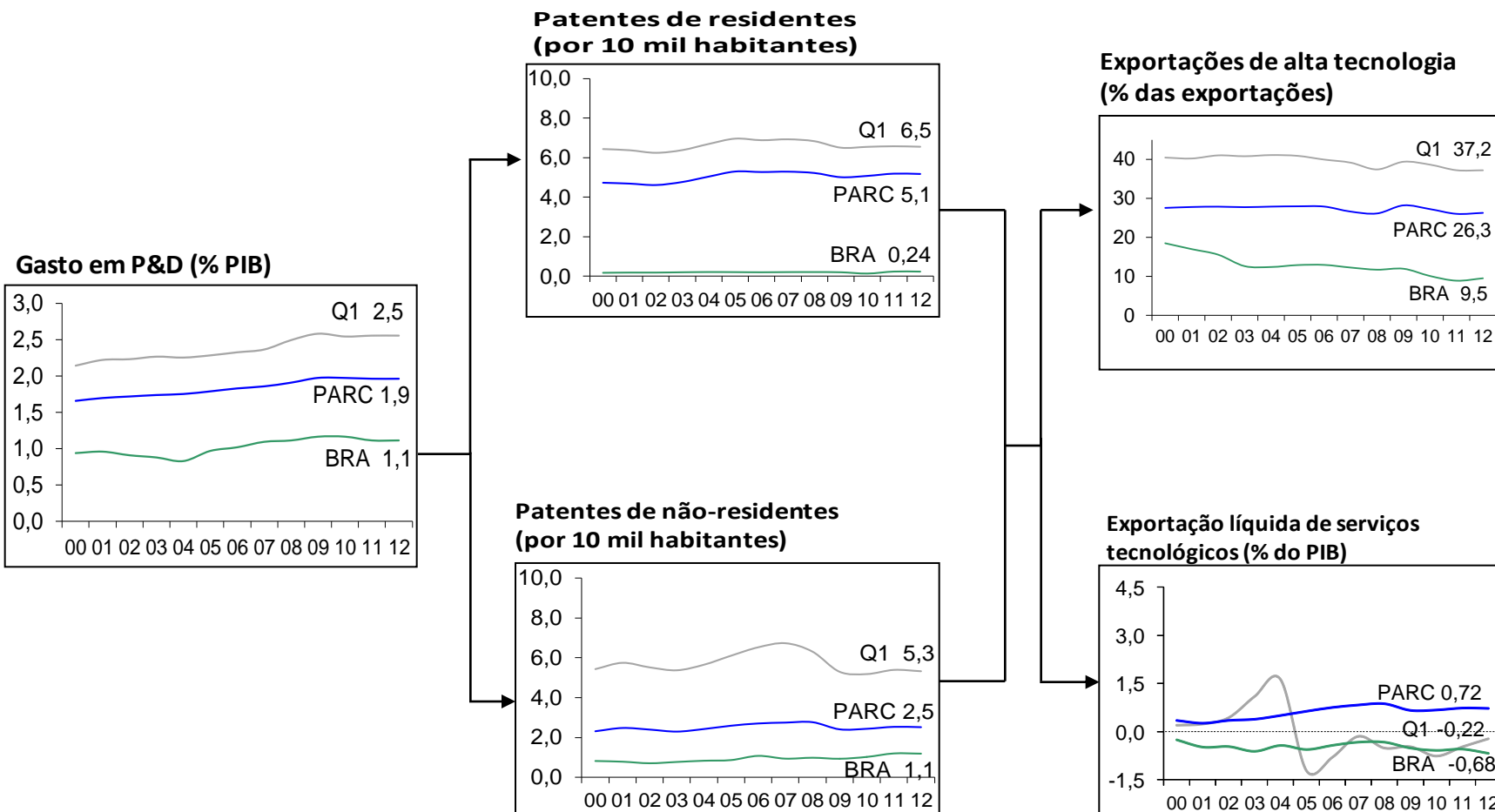
Formandos em Engenharia  
(por 10.000 hab.)

Brasil	3,7	(2012)
China	7,14	(2012)
OCDE	10,6	(2010)



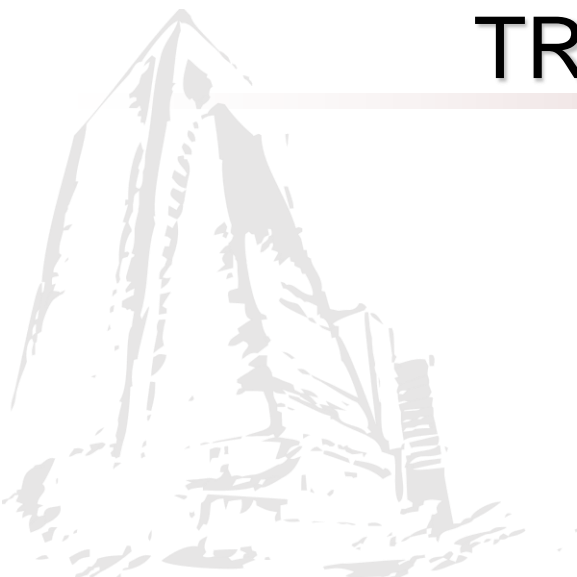
O gasto brasileiro em P&D (1,1 % do PIB) é mais da metade dos países Parceiros (1,9% do PIB), e gera 21 vezes menos patentes (de residentes) do que eles. O resultado aparece nas exportações de bens de alta tecnologia e de serviços tecnológicos.

## AMBIENTE TECNOLÓGICO



## V. O EFEITO DO AMBIENTE COMPETITIVO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA

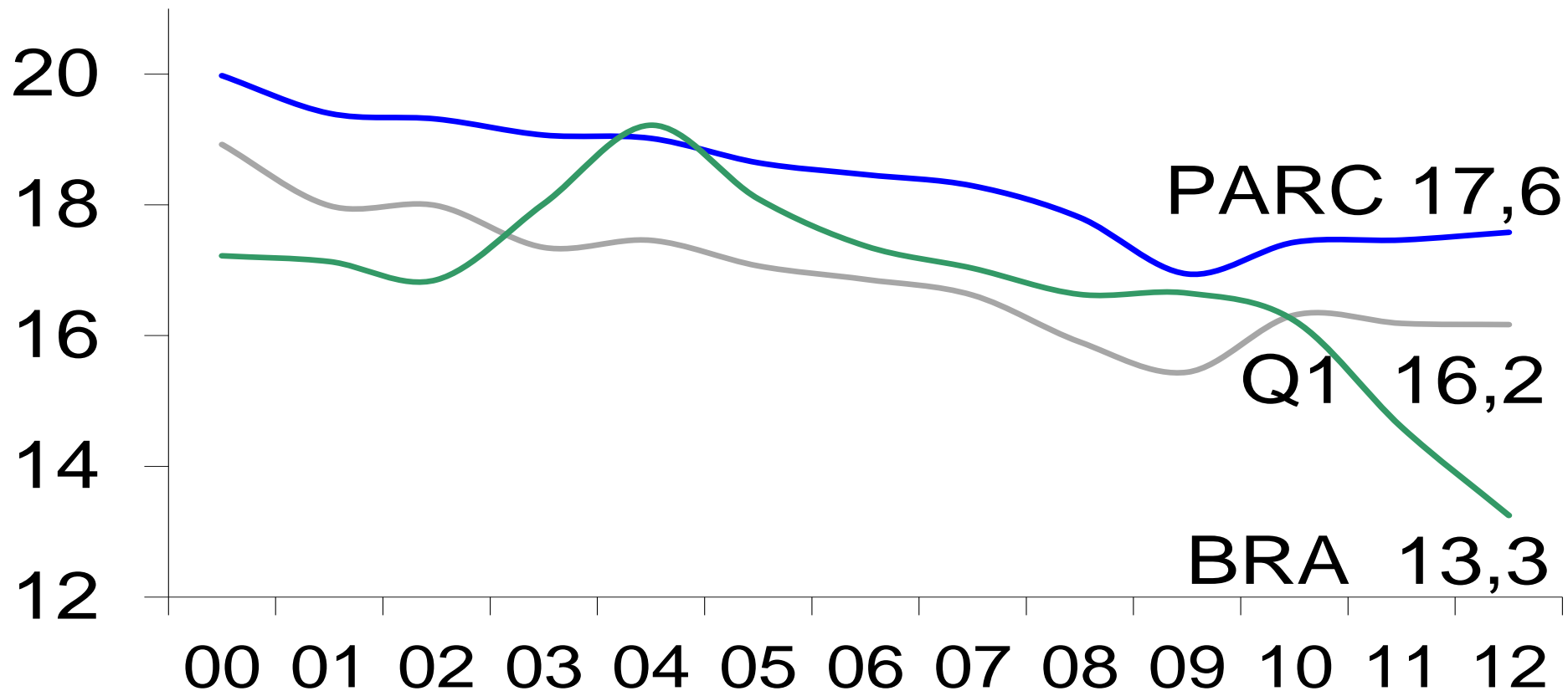
---



O ambiente competitivo analisado anteriormente tem levado à perda de participação da Indústria de Transformação no PIB, em relação aos demais países, por conta de...

## AMBIENTE DE NEGÓCIOS

### Participação da Indústria de Transformação (% PIB)



## 1) Custo Brasil (2012)

- Partindo-se de critérios acerca da relevância para a competitividade e do potencial de melhoria por políticas públicas, foram considerados seis grupos de fatores do ambiente de negócios (fatores sistêmicos):
  - A. Tributação (carga e burocracia);
  - B. Custo de capital de giro;
  - C. Custos de energia e matérias primas;
  - D. Custo da infraestrutura logística;
  - E. Custos extras de serviços a funcionários;
  - F. Custos de serviços *non tradables*.
- Não estão incluídos no cálculo do Custo Brasil: o custo de mão de obra e outras ineficiências sistêmicas não especificadas acima.

## 2) Valorização da Taxa de Câmbio (2012)

## 3) Cálculo do Efeito do Custo Brasil e do Câmbio sobre o Preço no Mercado Brasileiro

$$\begin{array}{l} \text{Custo} \\ \text{Brasil} \\ (1) \end{array} + \begin{array}{l} \text{Câmbio} \\ \text{Valorizado} \\ (2) \end{array} + \begin{array}{l} \text{Imposto de Importação} \\ \text{e Tributos Indiretos} \end{array} = \begin{array}{l} \text{Diferencial de Preço entre o} \\ \text{produto industrial nacional e} \\ \text{o importado} \end{array}$$

# Padrões de Comparação

## ■ 4 Grupos

Principais países cuja produção compete com a brasileira - ponderação pela participação na pauta de importação de bens industrializados\*:

- **Parceiros:** principais países<sup>1</sup> na pauta de importação de industrializados, correspondendo a 76% do valor total da pauta em 2012;
- **Desenvolvidos:** países desenvolvidos<sup>2</sup> dentre os quinze parceiros;
- **Emergentes:** países emergentes<sup>3</sup> dentre os quinze parceiros;
- **China:** principal país na pauta de importação de industrializados.

\* Fonte: SECEX para bens semimanufaturados e manufaturados.

(1) Alemanha; Argentina; Canadá; Chile; China; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Índia; Itália; Japão; México; Reino Unido e Suíça.

(2) Alemanha; Canadá; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Itália; Japão; Reino Unido e Suíça.

(3) Argentina; Chile; China; Índia e México.

Em média, o **Custo Brasil** acresce 25,4% no custo de produção da indústria de transformação brasileira, quando comparada a dos países parceiros.

A **Tributação** (carga e burocracia) é o principal determinante do Custo Brasil.

Os parceiros foram divididos em dois subgrupos: Desenvolvidos e Emergentes

Também foi quantificado o **Custo Brasil** ante a **China**

Custo Brasil e componentes	Parceiros <sup>1</sup>	Desenvolvidos <sup>2</sup>	Emergentes <sup>3</sup>	China
Tributação (Carga e Burocracia)	15,5%	16,1%	14,5%	14,1%
Custo de capital de giro	4,5%	5,3%	3,2%	4,4%
Custos de energia e matérias primas	2,9%	0,1%	6,2%	7,7%
Custos da infraestrutura logística	1,5%	1,6%	1,1%	1,2%
Custos extras de serviços a funcionários	0,7%	0,6%	0,9%	1,0%
Custos de serviços <i>non tradables</i>	0,2%	-1,1%	2,4%	2,4%
<b>TOTAL</b>	<b>25,4%</b>	<b>22,6%</b>	<b>28,3%</b>	<b>30,9%</b>

Fonte: DECOMTEC/FIESP.

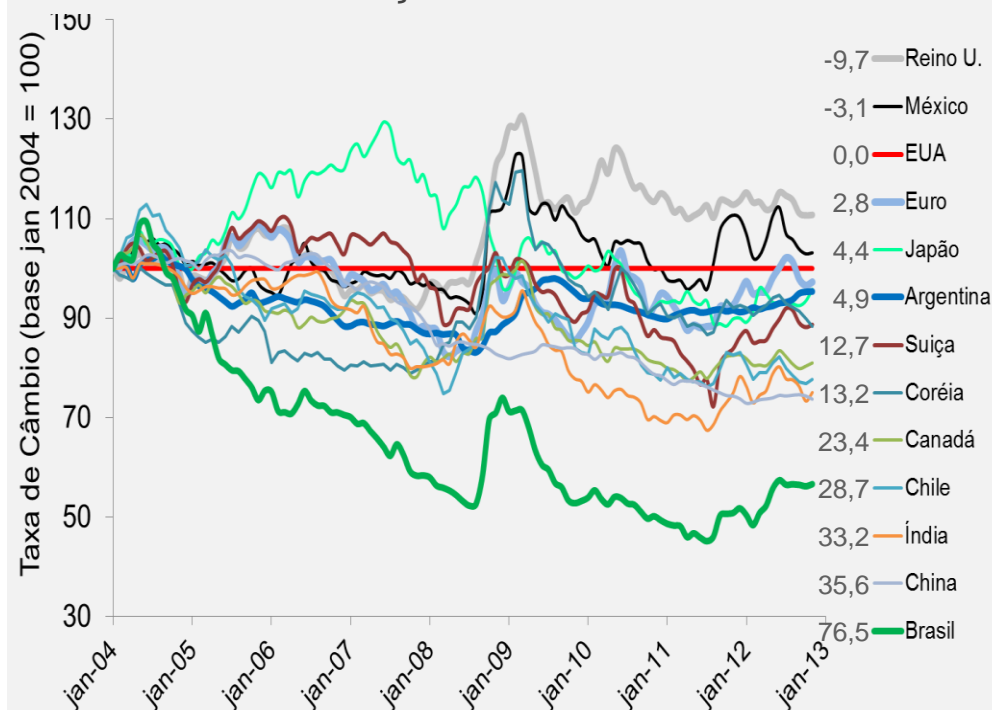
1 Alemanha; Argentina; Canadá; Chile; China; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Índia; Itália; Japão; México; Reino Unido e Suíça.

2 Alemanha; Canadá; Coreia do Sul; Espanha; EUA; França; Itália; Japão; Reino Unido e Suíça.

3 Argentina; Chile; China; Índia e México.

Se acrescido dos efeitos da taxa de câmbio: em 2012 o real seguiu sobrevalorizado, prejudicando a competitividade da indústria doméstica...

Taxa real de câmbio (base jan 2004 = 100), e valorização % até dez/2012

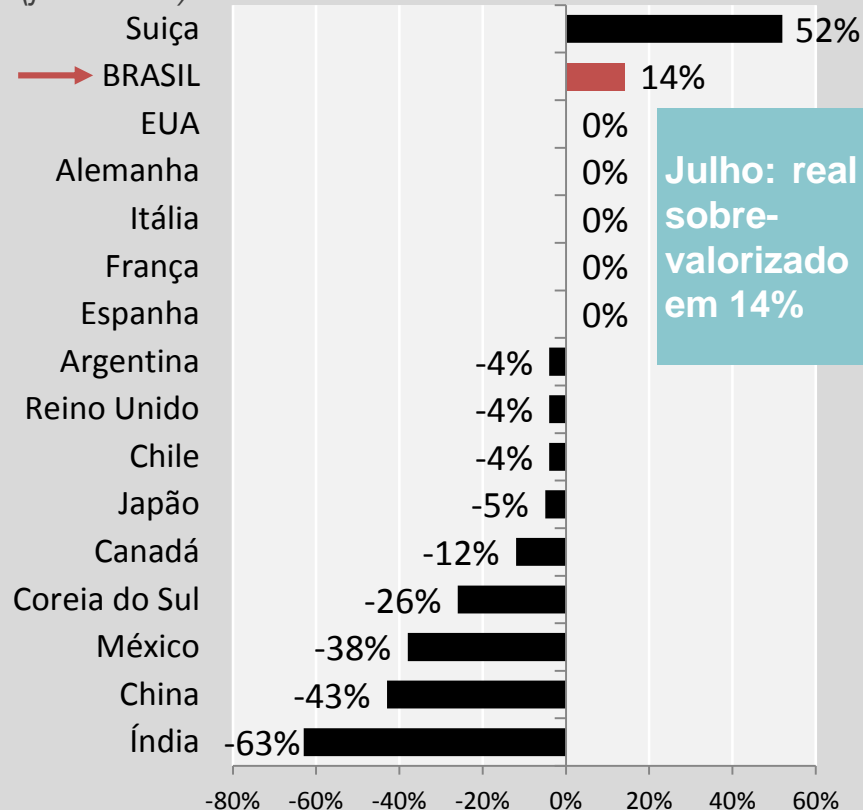


Fonte: OCDE e BCB. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

Com exceção da Suíça e países da União Européia, todas as economias parceiras apresentaram valor negativo no índice Big Mac, ou seja, **taxas de câmbio desvalorizadas**.



Índice Big Mac - Brasil e países parceiros (julho/2012)



Fonte: The Economist. Resultados completos em:  
[www.economist.com/blogs/graphicdetail/2012/07/daily-chart-17](http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2012/07/daily-chart-17)

...somados aos efeitos do imposto de importação mais os tributos indiretos:

### Imposto de importação:

Diferentemente do senso comum, a **alíquota efetiva de importação brasileira é bastante baixa** em relação ao máximo de 35% acordado com a Organização Mundial do Comércio:

**9,8% para países Parceiros**

**10,3% para Desenvolvidos**

**9,2% para Emergentes**


**14,7% para China**



### Tributos indiretos:

**Os tributos indiretos** (incidem tanto no produto nacional como no importado):

- ✓ Produto nacional: ICMS, IPI, PIS e Cofins;
- ✓ Produto importado: Imposto de Importação, ICMS, IPI, PIS e Cofins e frete e seguros.



O efeito final dos fatores do quadro competitivo analisados (Custo Brasil + Câmbio + Imposto de Importação + Tributos Indiretos) acarreta diferencial de preço no mercado interno entre o produto nacional e o importado (prejudicial à atividade produtiva, investimento e geração de emprego no país) da ordem de...



# Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

**Parceiros = 34,2%**

## Parceiros

Alemanha,  
Argentina, Canadá,  
Chile, China, Coreia  
do Sul, Espanha,  
EUA, França, Índia,  
Itália, Japão,  
México, Reino  
Unido e Suíça



# Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

**Desenvolvidos = 30,8%**

## **Desenvolvidos**

Alemanha, Canada,  
Coreia do Sul,  
Espanha, EUA,  
França, Itália, Japão,  
Reino Unido, e Suíça



# Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

**Emergentes = 38,0%**

**Emergentes**

Argentina, Chile,  
China, Índia e  
México



# Diferencial de preços no mercado interno: nacional e importado

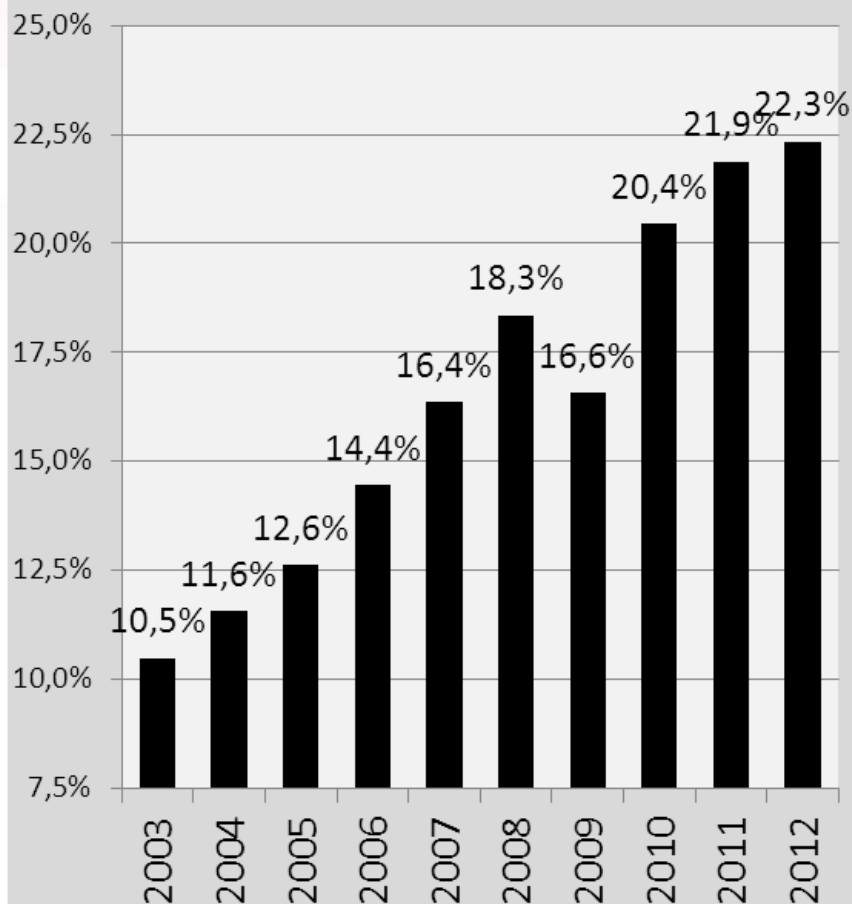
**China = 34,7%**



# Impactos na indústria

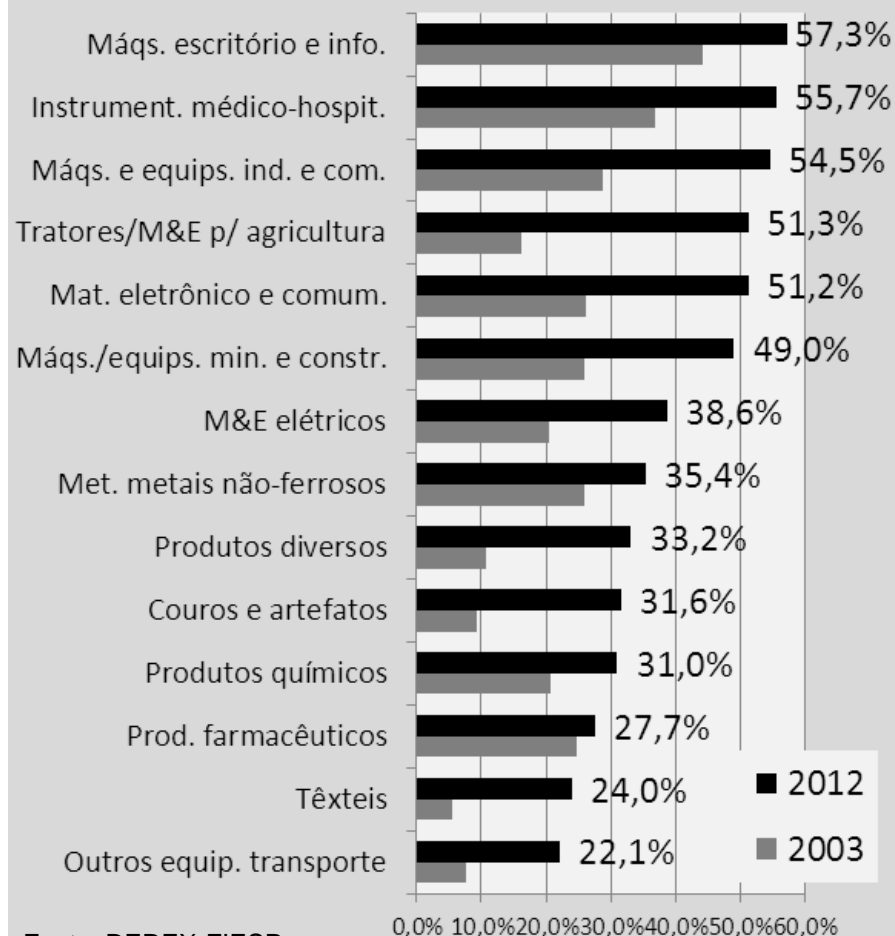
Nos últimos anos, o **crescimento do coeficiente de importações** tem sido rápido, afetando a grande maioria dos setores industriais.

Coeficiente de penetração das importações na ind. de transformação, 2003-2012 (%)



Fonte: DERE-X-FIESP.

Coeficiente de penetração das importações na ind. transf. por setores selecionados, 2003-2012 (%)



Fonte: DERE-X-FIESP.

# Impactos na indústria

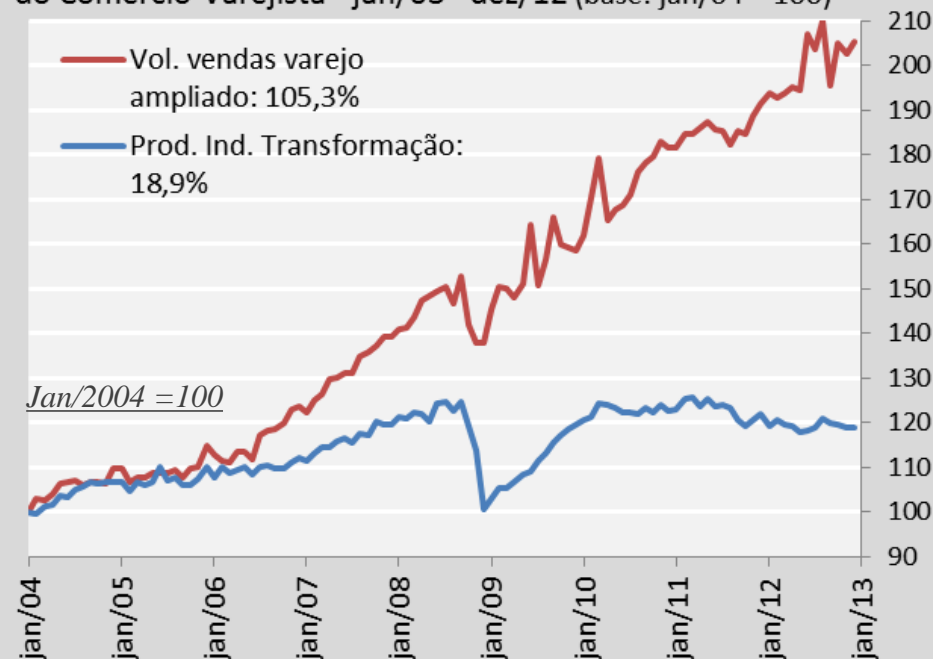
Em que pese o rápido crescimento do consumo interno, esse processo de aumento das importações tem sido responsável pela estagnação da produção industrial.

**Relatório de Inflação –  
Banco Central, junho/2012**

do consumo desses bens. Vale ressaltar, ainda, que a participação dos importados no atendimento da expansão anual do consumo de bens industriais passou de, aproximadamente, 40% em 2008 e 2010, para 100% em 2011.

Junho 2012 | Relatório de Inflação | 63

Evolução da Produção Física Industrial e do Volume de Vendas do Comércio Varejista - jan/03 - dez/12 (base: jan/04 = 100)

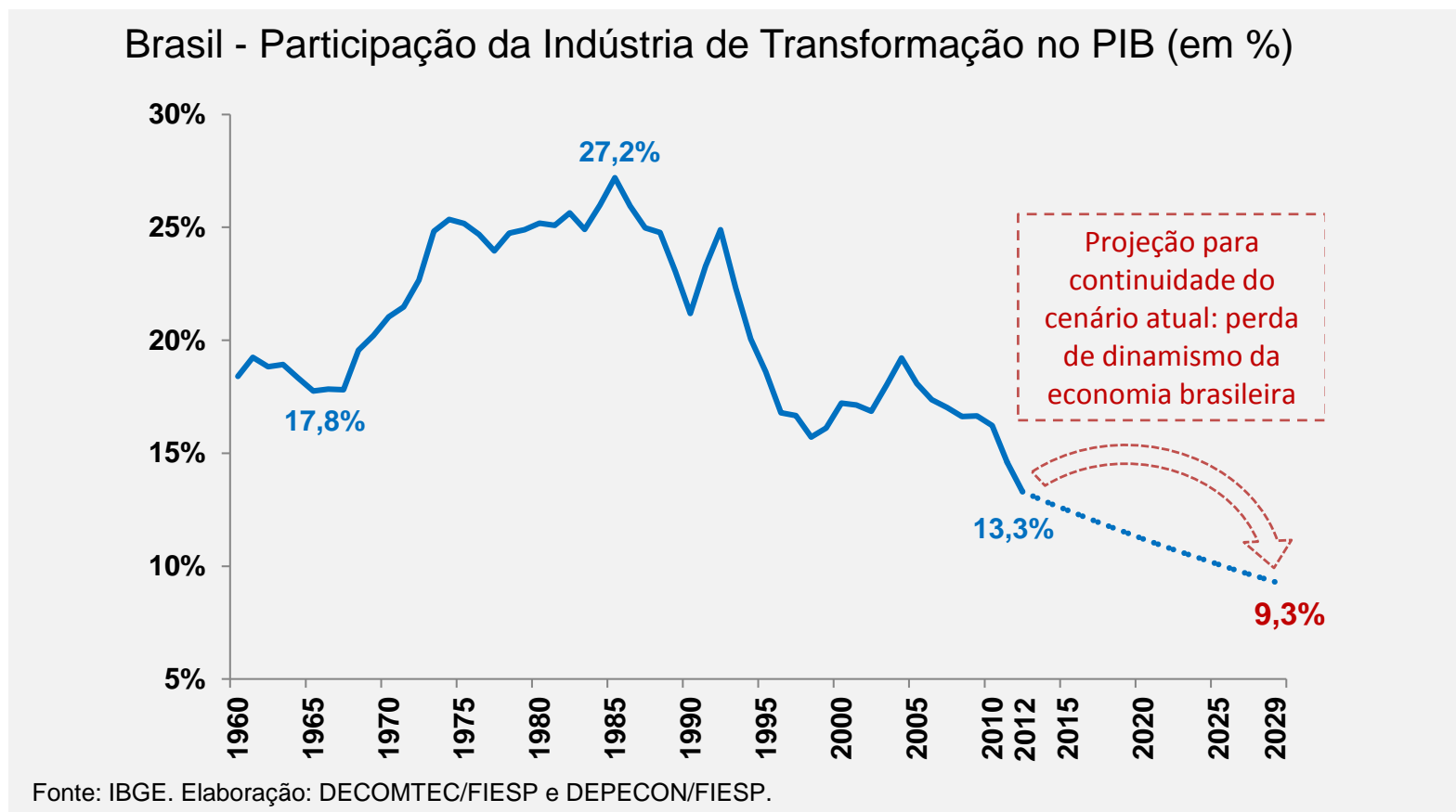


Fonte: IBGE. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

- Em 2012, enquanto o PIB da **indústria de transformação** **recuou 2,5%**, o volume de vendas do varejo ampliado **cresceu 8,0%**.

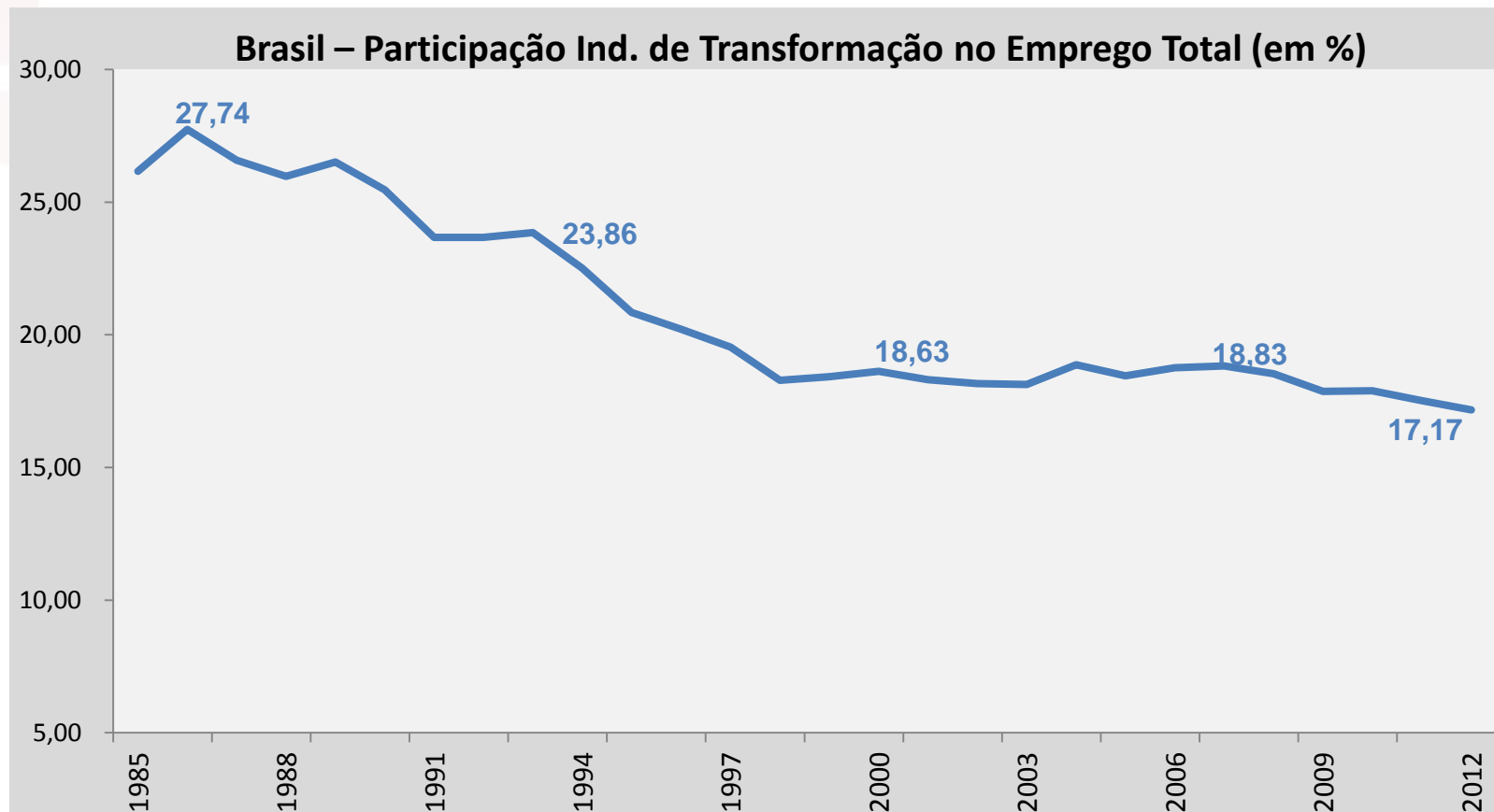
# Impactos na indústria

- Diante disso, a participação da Indústria de Transformação no PIB regrediu a 13,3% em 2012, o menor patamar dos últimos 50 anos.
- Nesse padrão, essa participação poderá se reduzir ainda mais, atingindo 9,3% sobre o PIB em 2029, conforme estimativa realizada.



# Efeitos na economia brasileira e indústria

Além da queda da participação da Indústria de Transformação no PIB, o **emprego também apresentou retração** em relação aos outros setores da economia.



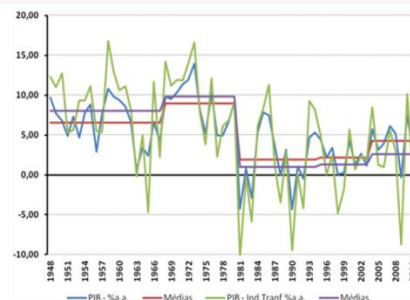
A Indústria de Transformação chegou a representar 27,1% dos empregos formais da economia brasileira em 1985, mas sofreu uma queda acentuada de 10,6 pontos percentuais, atingindo uma participação de 17,17% em 2012.



# Efeitos na economia brasileira e indústria

Ao comprometer o crescimento da indústria, o Brasil afeta o componente com maior efeito propulsor da expansão de sua economia

**A maior parte dos investimentos realizados na economia é produzida pela indústria de transformação**



Os anos de melhor desempenho econômico do país foram aqueles em que a ind. transformação obteve maior crescimento

A mais intensiva em investimento produtivo

Maior multiplicador do crescimento, R\$ 1,00 em suas vendas movimentam R\$ 2,22 na economia.

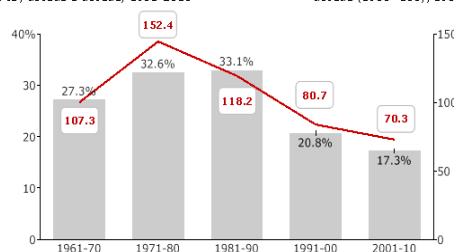
Capital Humano: dentre os grandes empregadores, é o setor que paga melhores salários conforme aumento de escolaridade.

Produtividade: é 31% superior a média da economia, logo, quanto maior a participação da IT no PIB, maior a produtividade.

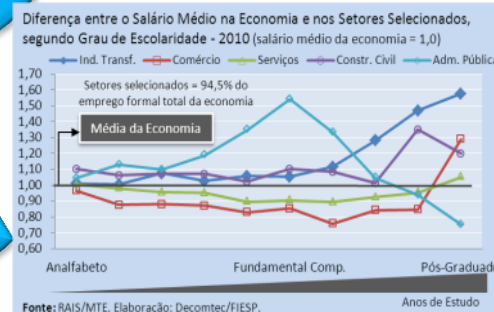
Origem e difusora de inovações: no setor privado a IT realiza 70,5% de todos os gastos em P&D, e 80,3% das atividades inovativas.

## Relação entre a participação da indústria de transformação no PIB e a evolução da PTF<sup>1</sup>

■ Participação média da indústria de transformação no PIB, década a década, 1961-2010 — Evolução da PTF, década a década (1960=100), 1961-2010



Fonte: IBGE, equipe FEA-RJ/USP



Em outubro/2013, o professor Ricardo Hausmann, da Universidade Harvard, lançou um ranking com os países mais propensos a crescer nos próximos anos.

- Segundo a pesquisa, o Brasil aparece com uma perspectiva medíocre de crescimento. Nas palavras do professor:
- "O Brasil cresceu notavelmente pouco, no contexto dos preços muito altos que vigoravam para as commodities", alerta Hausmann. "Se os preços das commodities ficarem onde estão ou caírem, a capacidade de crescer do Brasil dependerá de sua capacidade de diversificação para desenvolver produtos mais complexos. O Brasil não está bem posicionado para fazer isso".<sup>1,2,3</sup>

<sup>1</sup> "Brazil has grown remarkably little in the context of very high commodity prices," warns Mr Hausmann. "If they stay where they are or decline, their ability to grow will depend on their ability to diversify into more complex products. Brazil isn't well positioned to do that."

<sup>2</sup> Reportagem do FT "Forget China and switch to Zimbabwe, Mexico or Egypt" (27/10/2013):

[http://www.ft.com/intl/cms/s/0/e8e25c3e-3bdd-11e3-9851-00144feab7de.html?ftcamp=published\\_links%2Frss%2Fhome\\_asia%2Ffeed%2F%2Fproduct#axzz2j7Ctaw14](http://www.ft.com/intl/cms/s/0/e8e25c3e-3bdd-11e3-9851-00144feab7de.html?ftcamp=published_links%2Frss%2Fhome_asia%2Ffeed%2F%2Fproduct#axzz2j7Ctaw14)

<sup>3</sup> Uma versão foi traduzida pela Folha de São Paulo (28/10/2013), com o título "Abundância de recursos naturais não garante o desenvolvimento de países":

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/10/1363305-abundancia-de-recursos-naturais-nao-garante-desenvolvimento-de-paises.shtml>



**José Ricardo Roriz Coelho**

cdecomtec@fiesp.org.br

Vice-Presidente – FIESP

Diretor Titular – Departamento de Competitividade e Tecnologia

**Federação das Indústrias do Estado de São Paulo****PRESIDENTE**

Paulo Skaf

**Departamento de Competitividade e Tecnologia – DECOMTEC****DIRETOR TITULAR**

José Ricardo Roriz Coelho

**DIRETOR TITULAR ADJUNTO**

Pierangelo Rossetti

**DIRETORES**

Almir Daier Abdalla

Cassio Jordão Motta Vecchiatti

Cláudio Grineberg

Cláudio Sidnei Moura

Cristiano Veneri Freitas Miano  
(Representante do CJE)

Denis Perez Martins

Eduardo Berkovitz Ferreira

Eduardo Camillo Pachikoski

Elias Miguel Haddad

Fernando Bueno

Francisco Florindo Sanz Esteban

Jorge Eduardo Suplicy Funaro

Luiz Carlos Tripodo

Manoel Canosa Miguez

Marcelo José Medela

Marco Aurélio Militelli

Mario William Esper

Mauricio Marcondes Dias de Almeida

Olívio Manuel de Souza Ávila

Rafael Cervone Netto

Robert Willian Velásquez Salvador  
(Representante do CJE)

Ronaldo da Rocha

Tarsis Amoroso

Walter Bartels

**EQUIPE TÉCNICA****Departamento de Competitividade e Tecnologia****GERENTE**

Renato Corona Fernandes

**EQUIPE TÉCNICA**

Adriano Giacomini Moraes

Albino Fernando Colantuono

André Kalup Vasconcelos

Bento Antunes de Andrade Maia

Célia Regina Murad

Daniele Nogueira Milani

Débora Bellucci Módolo

Egídio Zardo Junior

Érica Marques Mendonça

Fernando Momesso Pelai

Juliana de Souza

Paulo César Morceiro

Paulo Sergio Pereira da Rocha

Silas Lozano Paz

Vinicius Rena Pereira

**ESTAGIÁRIOS**

Fernando Antunes Sanchez Salvador Lopes

Franco Vizzoto Zolin

Luís Menon José

**APOIO**

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores

e-mail: [cdecomtec@fiesp.org.br](mailto:cdecomtec@fiesp.org.br)